

**ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

MARCOS TEIXEIRA LEITE

**OS BATISTAS NACIONAIS: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS E
TEOLÓGICAS**

São Leopoldo

2015

MARCOS TEIXEIRA LEITE

OS BATISTAS NACIONAIS: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS E
TEOLÓGICAS

Trabalho Final de Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Leitura e Ensino da Bíblia

Orientador: Wilhelm Wachholz

São Leopoldo
2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L533b Leite, Marcos Teixeira

Os Batistas Nacionais: perspectivas históricas e teológicas / Marcos Teixeira Leite ; orientador Wilhelm Wachholz. – São Leopoldo : EST/PPG, 2015.

60 p. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2015.

1. Batistas – Brasil. 2. Batistas – História. 3. Movimento de Renovação Espiritual (MRE). 4. Convenção Batista Nacional (CBN). I. Wachholz, Wilhelm. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

MARCOS TEIXEIRA LEITE

OS BATISTAS NACIONAIS: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS E
TEOLÓGICAS

Trabalho Final de Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Leitura e Ensino da Bíblia

Data: 04 de Janeiro de 2016

Wilhelm Wachholz – Doutor em Teologia – EST

Remí Klein – Doutor em Teologia – EST

Dedico ao meu pai Pr.
Teodório Teixeira Leite,
pioneiro Batista Nacional
no norte de Minas Gerais.

Vento que vem lá de longe
Traz moda boa de ouvir
Brisa que leva o choro
As dores do povo cansado daqui

Vento que é puro mistério
Inescrutável traçado livre não é dominado
Por freio cabresto chicote ou laço

Ventania inundou meu lar
Trouxe o brilho do fogo que incendeia
Cruviana sopra temporal
Vento alado me ensina a voar

Vento alado: Carlinhos Veiga e Rogério Pinheiro

AGRADECIMENTOS

Ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo por sua obra em minha vida e por sempre me surpreender, levando-me a lugares e instâncias inimagináveis. À minha amada esposa Loyanne, por ser uma grande incentivadora, suportar minhas ausências e por todo o cuidado e dedicação que sempre teve comigo, e que nesta etapa do mestrado não foi diferente. Ao meu filho Marcos Levi, por ser fonte de inspiração e por suportar a ausência do papai durante as viagens do mestrado. Aos meus pais, por terem me dado base para a vida.

Ao meu amigo-irmão Eugênio Gomes, pelo suporte e parceria de sempre, à minha cunhada Débora Sales pelas consultorias, à minha amiga Suelen Menezes pela revisão textual e ao amigo Wander Lima pela prestatividade.

Agradeço ao meu orientador Wilhelm Wachholz, por todo apoio e dedicação. Aos professores e funcionários da EST pela acolhida e cuidado.

Aos colegas, que tornaram a caminhada de estudos e a ausência da família mais suaves, André, Carlos Eduardo, Isaías e Renato, muito obrigado.

Ao Seminário Teológico Evangélico do Brasil (STEB), pela bolsa de estudos e pela oportunidade de capacitação.

Ao amigo Pr. Uelton Ricardo, por ter sido o fomentador de toda essa caminhada.

RESUMO

O presente trabalho busca fazer uma análise do Movimento de Renovação Espiritual (MRE) entre os Batistas Brasileiros e o surgimento da Convenção Batista Nacional (CBN). A pesquisa abordará aspectos históricos e teológicos dos Batistas Nacionais e buscará a partir da análise feita conceituar a denominação dentro do vasto campo do protestantismo brasileiro. A pesquisa se dividirá em três partes. A primeira parte abordará aspectos gerais relacionados aos batistas, sua origem, doutrina e inserção em solo brasileiro. A segunda parte abordará o MRE, sua liderança, ênfases e desligamento da Convenção Batista Brasileira, o que contribuiu para a criação da CBN. A terceira parte analisará os aspectos teológicos dos Batistas Nacionais, conceituando-os como carismáticos.

Palavras-Chave: Movimento de Renovação Espiritual, Batistas Nacionais, Carismáticos, Batismo no Espírito Santo, Convenção Batista Nacional.

ABSTRACT

This paper seeks to do an analysis of the Spiritual Renewal Movement (MRE) among the Brazilian Baptists and the emergence the National Baptist Convention (CBN). The research will deal with historical and theological aspects of the National Baptists and will seek, based on the analysis carried out, to conceptualize the denomination within the vast field of Brazilian Protestantism. The research will be divided into three parts. The first part will deal with the general aspects related to the Baptists, their origin, doctrine and insertion on Brazilian soil. The second part will deal with the MRE, their leadership, emphases and disconnection from the Brazilian Baptist Convention which contributed to the creation of the CBN. The third part will analyze the theological aspects of the National Baptists, conceptualizing them as charismatics.

Keywords: Spiritual Renewal Movement, National Baptists, Charismatics, Baptism in the Holy Spirit, National Baptist Convention.

LISTA DE SIGLAS

CBN – Convenção Batista Nacional

CBB – Convenção Batista Brasileira

MRE – Movimento de Renovação Espiritual

AME – Ação Missionária Evangélica

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 OS BATISTAS	13
1.1 Origem Batista.....	13
1.1.1 O contexto da reforma inglesa	15
1.1.2 Os separatistas ingleses	16
1.2 Doutrina Batista	17
1.2.1 Diversos desde o início	18
1.2.2 Características Batistas.....	19
1.3 Os batistas no Brasil.....	20
2 CONVENÇÃO BATISTA NACIONAL: ANTECEDENTES HISTÓRICOS.....	25
2.1 Movimento de Renovação Espiritual	25
2.1.1 <i>Rosalee Mills Appleby</i>	27
2.1.2 <i>José Rego do Nascimento</i>	28
2.1.3 <i>Enéas Tognini</i>	30
2.2 <i>Experiências Pentecostais, reações institucionais</i>	30
2.2.1 <i>Ruptura Institucional</i>	32
2.2.2 <i>Surgimento da Convenção Batista Nacional</i>	34
3 TEOLOGIA BATISTA NACIONAL.....	39
3.1 Pneumatologia	39
3.1.1 <i>Nem todo crente é cheio do Espírito Santo</i>	41
3.1.2 <i>Calvário e Pentecostes</i>	43
3.1.3 <i>Evidências do batismo no Espírito Santo</i>	44
3.1.4 <i>Comunidade Carismática</i>	47
3.1.5 <i>As experiências do Espírito</i>	48
3.2 Aspectos Eclesiológicos	50
CONCLUSÃO.....	53
REFERÊNCIAS.....	57

INTRODUÇÃO

A realidade do protestantismo brasileiro é multifacetada. Conceituar um grupo ou denominação não é uma tarefa fácil. Segundo Longuini Neto, “conceituar quase sempre implica em aprisionar”. Dessa forma, conceituar no campo religioso traz suas complicações, pois o universo religioso está em constante transformação. Porém, é necessário conceituar para que se possa assimilar.¹

O presente trabalho analisa a denominação Batista Nacional e o Movimento de Renovação Espiritual (MRE) que deu origem à referida denominação, enfatizando por meio de pesquisa bibliográfica aspectos gerais dos batistas: origem, características doutrinárias e surgimento no cenário brasileiro. A partir dessa contextualização, a análise é direcionada, principalmente, ao Movimento de Renovação Espiritual que, posteriormente, deu origem aos batistas nacionais, reforçando as raízes históricas e os aspectos teológicos.

Pretende-se analisar a história do MRE e o surgimento da denominação Batista Nacional. Para isso, o trabalho descreve as origens batistas, características denominacionais, a inserção no campo religioso brasileiro, a história e teologia dos batistas nacionais, além de conceituar a denominação a partir das características históricas e teológicas.

O texto trabalha com os seguintes questionamentos: O que caracteriza uma igreja como batista? O que foi o Movimento de Renovação Espiritual? Os batistas nacionais são pentecostais?

O material bibliográfico consultado para fundamentação da pesquisa apontou para algumas direções e, a partir da pesquisa realizada, algumas hipóteses foram levantadas. Sendo elas:

- Os batistas não podem ser reconhecidos apenas por seus aspectos doutrinários porque existem características comuns aos batistas que extrapolam as questões doutrinárias.

- O Movimento de Renovação Espiritual surgiu com a intenção de renovar as igrejas históricas brasileiras.

¹ LONGUINI NETO, Luiz. *O novo rosto da missão: os movimentos ecumênico e evangelical no protestantismo latino-americano*. Viçosa: Ultimato, 2002. p. 17.

- Apesar de terem sido influenciados pelo pentecostalismo, os batistas nacionais não são pentecostais.

A escolha do tema e seus desdobramentos foram motivados por alguns fatores. Entre eles, destaca-se o fato de o autor da pesquisa ser membro de uma igreja batista nacional e perceber a necessidade de esclarecimentos sobre a referida denominação, principalmente, no que diz respeito à conceituação dentro do vasto campo do protestantismo brasileiro. Além disso, a não concordância com algumas linhas de pesquisa que classificam os batistas nacionais como pentecostais. O trabalho também poderá ser uma contribuição para o estudo do protestantismo brasileiro, ressaltando um movimento histórico que deu origem a uma nova denominação.

Entre os referenciais teóricos, algumas obras norteiam a pesquisa. Os livros *História dos Batistas Nacionais*, do autor Enéas Tognini e Silas Leite de Almeida; e *Colunas da Renovação*, de João Leão dos Santos Xavier, fornecem conteúdo histórico que amparam a descrição e a análise do Movimento de Renovação Espiritual.

Apesar de ser uma literatura produzida por membros da própria denominação analisada na pesquisa, a base textual torna-se importante porque traz informações a partir da própria perspectiva do movimento de renovação. Vale ressaltar que não há neste trabalho qualquer intenção apologética com relação aos batistas nacionais. Entretanto, as obras e os autores foram escolhidos por fornecerem o conteúdo necessário para a análise histórica e teológica do movimento de renovação e dos batistas nacionais. É preciso levar em consideração que o relato histórico feito por membros do próprio movimento pode ser permeado de heroísmo e parcialidade. Para que se tenha uma visão mais equilibrada, faz-se necessário a leitura de outras obras e pesquisas que proponham uma visão crítica e comparativa das obras literárias e do movimento estudado.

Ao abordar os aspectos teológicos batistas nacionais, as obras analisadas são: *O Batismo no Espírito Santo*, de Enéas Tognini; e *Calvário e Pentecostes*, de José Rego do Nascimento. Ambos os livros fornecem o material necessário para que se chegue a uma compreensão da doutrina do batismo no Espírito Santo na perspectiva batista nacional.

O pensamento do teólogo Bruner e do sociólogo Paul Freston também contribuem para a conceituação apropriada a respeito dos batistas nacionais. Em

seu livro *Teologia do Espírito Santo*, Bruner enfatiza que a crença no dom de línguas como evidência inicial do batismo no Espírito Santo caracteriza o pentecostalismo. Logo surge uma divergência sobre a maneira com que o movimento de renovação entende a questão. Freston afirma que essa divergência é uma das características que fazem com que os batistas nacionais não sejam identificados como pentecostais e sim carismáticos. Ainda tendo como base o pensamento de Freston, ele destaca que os batistas nacionais são fruto de um movimento mais amplo que aconteceu não apenas no meio dos batistas brasileiros, mas também nas principais denominações históricas do Brasil nas décadas de 1960 e 1970, esse movimento é denominado por Freston como carismático.

As ideias do teólogo alemão Jürgen Moltmann também são usadas como referencial teórico. Em seu livro *O Espírito da Vida*, Moltmann destaca que é possível falarmos de experiências especiais de Deus, inclusive o autor fornece fundamentação teológica para a experiência do Espírito. O texto de Moltmann é usado como uma possível fundamentação para as questões das experiências espirituais narradas pelo movimento de renovação espiritual.

O trabalho final foi dividido em três capítulos. O primeiro traz uma síntese sobre os batistas, destaca as várias teorias a respeito do surgimento da denominação e pontua a origem a partir dos separatistas ingleses do século XVII, além de destacar as várias influências teológicas às quais os batistas foram expostos. O texto aponta para a dificuldade de se classificar os batistas quanto aos aspectos doutrinários e ressalta características comuns aos vários grupos existentes. O capítulo aborda a origem do trabalho batista no Brasil como fruto do protestantismo de missão vindo dos Estados Unidos e encerra descrevendo a criação da Convenção Batista Brasileira.

O capítulo dois pontua o Movimento de Renovação Espiritual entre os batistas brasileiros, movimento que proclamava o batismo no Espírito Santo como uma segunda bênção e pretendia renovar as igrejas históricas brasileiras. O texto destaca a tríplice liderança do movimento de renovação, dividida entre a missionária Rosalee Mills Appleby e os pastores Enéas Tognini e José Rego do Nascimento. O desenvolvimento e ênfase do movimento, as tensões com a liderança batista brasileira e o cisma que provocou a expulsão de algumas igrejas da Convenção Batista Brasileira também são abordados. O capítulo é finalizado com a criação da Convenção Batista Nacional, feito realizado pelo grupo dissidente da Convenção

Batista Brasileira.

O capítulo três aborda assuntos relacionados aos aspectos teológicos do movimento de renovação e dos batistas nacionais. O texto descreve o entendimento que os batistas nacionais têm do batismo no Espírito Santo e evidencia a diferença de entendimento com relação aos pentecostais. Ao abordar as questões doutrinárias, a melhor expressão para designar os batistas nacionais seria carismático. Sobre as questões eclesiológicas, é ressaltado que os batistas nacionais continuam sendo batistas na maneira de se organizarem enquanto igreja e denominação.

1 OS BATISTAS

Os batistas figuram entre as grandes denominações protestantes no mundo. Sob a mesma perspectiva denominacional, abrigam-se diversos grupos que se denominam batistas. A origem pode ser afirmada no contexto da Inglaterra do século XVII, a partir dos separatistas ingleses.

Ao estudar a história batista, percebe-se que a identidade foi sendo formada desde o início em um ambiente de diversidade doutrinária, sofrendo influência de várias correntes teológicas.

A abordagem do trabalho batista no Brasil considera a herança americana, já que é fruto de uma empreitada feita pelos batistas do sul dos Estados Unidos da América, que originou a maior denominação batista em solo brasileiro: a Convenção Batista Brasileira (CBB).

1.1 Origem Batista

Não há consenso sobre a origem dos batistas. Na verdade, existem hipóteses divergentes a respeito do assunto.² Há pelo menos três teorias amplamente citadas em trabalhos e pesquisas sobre a história batista.

O historiador J. Reis Pereira (1972) relata que existem pelo menos três teorias a respeito da origem dos batistas.³ A primeira é conhecida como JJJ: Jerusalém, Jordão, João. Segundo as ideias dessa corrente de pensamento, os batistas vêm se desenvolvendo em linha ininterrupta desde os tempos de João Batista, o precursor do Messias. A segunda diz respeito ao parentesco espiritual com os anabatistas⁴ do século XVI. De acordo com essa tese, “os batistas seriam

² DIAS, Zwinglio Mota; PORTELLA, Rodrigo; RODRIGUES, Elisa.(orgs). *Protestantes, evangélicos e (neo) pentecostais: história, teologias, igrejas e perspectivas*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. p. 151.

³ PEREIRA, José R. *Breve história dos batistas*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1972. p. 7.

⁴ Nome dado pelos inimigos de um movimento que surgiu no século XVI, cujos seguidores sustentavam que o batismo de crianças não é válido. A palavra “anabatista” quer dizer “rebatizador”,

um grupo que se tornou mais flexível nas posições radicais que caracterizavam os anabatistas”⁵, porém, conservando alguns princípios que ainda hoje são preservados pelas igrejas atuais. A terceira teoria defende que os batistas se originaram a partir dos separatistas ingleses. Segundo alguns historiadores, essa é a linha que fornece mais confiabilidade histórica no que diz respeito a fatos documentados e continuidade histórica.

O presente trabalho adotará a hipótese de que a origem batista é atribuída ao movimento separatista inglês, sem descartar a influência anabatista sobre os primeiros batistas, uma vez que é impossível duvidar dessa influência sobre os primeiros grupos batistas. O relacionamento entre esses dois fatores é discutido, “principalmente, por causa da dificuldade em definir o nível em que aconteceu o contato entre os primeiros separatistas e os anabatistas”.⁶

É mais coerente, historicamente, admitir que, concomitante à reforma luterana, calvinista e inglesa, desenvolveu-se no século XVI uma tendência reformista mais radical que as anteriores, seguida por populações de baixa renda, a qual ficou conhecida pela designação geral de anabatistas ou rebatizadores. As convicções e as práticas anabatistas têm uma estreita relação com o corpo doutrinário e alguns aspectos da ética batista, a saber, batismo por imersão de adultos; comunidade constituída de elementos que são batizados como convertidos; eleição dos pastores e oficiais pela congregação local; governo congregacional, onde cada congregação delibera e toma suas decisões, e separação do Estado. Concluindo a questão das origens batistas, pode-se afirmar que são provenientes do contexto da Reforma Protestante e que é impossível falar em batistas do século XVII sem vinculá-los a anabatistas do século XVI.⁷

e, portanto os próprios anabatistas não pensavam que descrevia sua postura, visto que segundo eles não estavam rebatizando a ninguém, mas simplesmente batizando aqueles cujo suposto batismo anterior não era válido. GONZÁLEZ, Justo L. *Breve Dicionário de Teologia*. São Paulo: Hagnos, 2009. p. 21.

⁵ FERNANDES, Wilson. *Jesus Cristo é o senhor: há contribuições da Igreja Universal do Reino de Deus à Igreja Batista?* Dissertação (Mestrado em Teologia) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2010. p. 68.

⁶ HEWITT, Martin D. *Raízes da tradição Batista*. São Leopoldo: IEPG, 1993. (Ensaio e monografias 4). p.10.

⁷ SILVA, Elizete da; SANTOS, Lyndon Araújo dos; ALMEIDA, Vasni de. (orgs). *Fiel é a palavra: leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011. p. 285.

1.1.1 O contexto da reforma inglesa

O contexto da reforma inglesa é um ambiente importante para compreender as heranças batistas. Essa realidade foi sendo construída ao longo de alguns reinados. Durante o reinado de Henrique VIII, a Igreja da Inglaterra se separou de Roma. No reinado de Eduardo VI, iniciou-se uma reforma na Igreja da Inglaterra, consolidada durante o reinado de Elisabeth I. “A reforma da Igreja da Inglaterra, todavia, foi conservadora, porque manteve o velho sistema de governo da Igreja e muitas das antigas formas de culto”.⁸ Nasce, a partir daí, o puritanismo, um movimento muito importante dentro da ambiência da reforma inglesa.

Mesmo que na linguagem corrente a palavra “puritano” tenha conotações de rigorismo moral, em seu sentido estrito o puritanismo foi um movimento que surgiu na Inglaterra durante a segunda metade do século XVI e a primeira metade do século XVII. Seu propósito era “purificar” de todas as práticas papistas, particularmente no que se refere ao culto e ao governo da igreja e, desse modo restaurar o cristianismo “puro” do Novo Testamento – de onde deriva o nome “puritanismo”.⁹

Os puritanos, defensores da teologia calvinista, eram conhecidos como o povo da Bíblia e buscavam uma transformação na sociedade por meio de uma vida pautada nos princípios bíblicos. Essa transformação devia levar o ser humano a alcançar várias facetas da vida, inclusive a política. Os puritanos surgiram “tentando reformar a própria Reforma na Inglaterra, purgando a Igreja dos resquícios do romanismo”.¹⁰ Entre as reformas pretendidas por eles, destacavam-se: “simplificação do culto, abolição do episcopado, adoção do sistema presbiteriano de governo da Igreja, congregacionalismo e disciplina rigorosa”.¹¹

Apesar de uma soteriologia definidamente calvinista, o puritanismo era multifacetado em outras dimensões teológicas e de pensamento. Nas questões eclesiológicas, havia divergências, “mesmo que a maioria dos puritanos preferisse o sistema presbiteriano de governo, havia entre eles também os

⁸ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Protestantes, pentecostais e ecumênicos: o campo religioso e seus personagens*. São Bernardo do Campo: UMESP, 1997. p. 59.

⁹ GONZÁLEZ, 2009, p. 271.

¹⁰ OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. *Liberdade e exclusivismo: ensaios sobre os batistas ingleses*. Rio de Janeiro: Horizontal, Recife: STBNB Edições, 1997. p. 28.

¹¹ MENDONÇA, 1997, p. 59.

congregacionalistas”.¹² Os presbiterianos não aceitavam o modelo episcopal vigente e defendiam um sistema de governo “em que a igreja ficaria sob o controle de um presbitério formado por bispos/anciãos com funções espirituais, cada igreja local escolheria seus ministros”.¹³ Os congregacionais trilhavam um caminho mais democrático, “pretendiam que cada congregação fosse livre da igreja oficial para escolher seu pastor, determinar sua conduta e administrar seus negócios”.¹⁴

1.1.2 Os separatistas ingleses

Dentro do puritanismo havia aqueles que achavam que podiam reformar a Igreja Anglicana sem romper com ela. Eles eram conhecidos como conformistas. Outros já entendiam que não era possível manter qualquer vínculo com a igreja oficial e foram chamados de não-conformistas. Separaram-se da igreja oficial e deram origem aos separatistas ingleses, que se multiplicaram em vários grupos. Entre esses grupos, havia um que se reunia em Gainsborough, pastoreado por John Smyth. Durante o reinado de Tiago I, devido à perseguição, o grupo fugiu para Amsterdã, na Holanda, local onde havia liberdade religiosa. A viagem provavelmente foi patrocinada por Thomas Helwys, leigo, advogado e auxiliar de John Smyth. “Chegaram em 1608/1609. O ex-ministro anglicano, ex-puritano e agora separatista batista concluiu que uma congregação só pode ser formada por crentes adultos, batizados segundo a consciência”.¹⁵

Smyth batizou a si mesmo, depois Helwys e os demais membros da congregação. Com essa atitude, Smyth nega o batismo infantil praticado na Igreja da Inglaterra. “Todas as evidências são de que o modo de batismo usado pelo grupo foi afusão (água derramada na cabeça), e não imersão”.¹⁶ A congregação pastoreada por Smyth tem contato com outras congregações na Holanda, separatistas, menonitas, mas tudo indica que continuam a manter a suas características. O grupo

¹² GONZÁLEZ, 2009, p. 271.

¹³ AZEVEDO, Israel Belo de. *A celebração do indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro*. Piracicaba: Unimep, 1996. p. 76.

¹⁴ AZEVEDO, 1996, p. 76.

¹⁵ AZEVEDO, 1996, p. 77.

¹⁶ OLIVEIRA, 1997, p. 38.

acaba se dividindo sob as lideranças de Smyth e Helwys. Cerca de 31 pessoas seguem Smyth e mais tarde se juntam aos menonitas. O grupo menor, entre 10 e 12 pessoas, se junta a Helwys e decide voltar à Inglaterra em 1611 ou 1612, fundando assim a primeira igreja batista em território inglês em 1612, em Stapfields.

1.2 Doutrina Batista

O que define uma igreja como batista? Essa não é uma pergunta fácil de ser respondida, sobretudo se a perspectiva for doutrinária. Pode-se definir uma igreja como batista se ela for confessionalmente calvinista ou arminiana? Na prática, nem sempre. Não se observa nos púlpitos batistas clareza doutrinária/soteriológica homogênea, como acontece com os presbiterianos declaradamente calvinistas em sua teologia com respeito à salvação. No meio batista, isso pode variar de igreja para igreja, de púlpito para púlpito, de pastor para pastor. Ou será que os critérios dizem respeito à teologia prática exercida pela comunidade?

Será que se um membro de uma determinada igreja batista, acostumado com uma liturgia mais formal, solene, introspectiva e padronizada, ao visitar uma outra cidade e procurar uma igreja batista encontrará um estilo de culto parecido com o de sua comunidade de fé? Pode ser que sim, pode ser que não. Ao invés disso, ele pode encontrar uma igreja com uma liturgia mais informal, marcada pela espontaneidade, manifestações carismáticas, períodos de cânticos com ênfase emocional e outras características.

Definir uma igreja batista do ponto de vista doutrinário ou pela forma de culto já não é uma tarefa das mais fáceis. Há uma variedade de batistas no Brasil que se agregam em várias convenções diferentes, algumas delas com influência pentecostal, outras, mais fundamentalistas, porém, sem abrir mão da identidade que se denomina a partir dos "Princípios Batistas".¹⁷

¹⁷ FERNANDES, 2010, p. 63.

1.2.1 Diversos desde o início

Olhar para a história ajuda a compreender algumas questões sobre a denominação, assim como o porquê da dificuldade e da complexidade de classificar os batistas apenas por características doutrinárias. As primeiras congregações batistas foram influenciadas teologicamente por algumas correntes diferentes, sendo elas: o anabatismo, o arminianismo¹⁸ e o calvinismo.¹⁹ Todas essas vertentes ajudaram a formular o pensamento teológico batista. A influência calvinista é fruto direto da participação do puritanismo no movimento separatista inglês de quem os batistas são herdeiros. A influência arminiana vem dos primeiros líderes batistas, John Smyth e Thomas Helwys, que eram assumidamente arminianos. Durante o período de exílio deles na Holanda foi que o arminianismo se fortaleceu. “Em 1610, durante esse período os seguidores de Jacobus Arminius publicaram, também em Amsterdam, o Remonstrance, um sumário da doutrina arminiana”.²⁰ A influência anabatista pode ser atribuída, entre outros fatores, ao contato que a congregação separatista/batista refugiada na Holanda teve com os menonitas, herdeiros dos anabatistas.

Os primeiros batistas vindos da Holanda eram arminianos e ficaram conhecidos como batistas gerais. Entendiam que Cristo havia morrido por todos e não apenas pelos eleitos. No período de 1633 a 1638, foi formada, a partir da Igreja Separatista Jacob-Lathrop-Jessey, a primeira igreja batista “particular” (calvinista) afirma Hewitt. O pensamento doutrinário batista nasce em meio a esse ambiente de divisão, o que fica expresso nas confissões que passam a ser formuladas, ora com ênfase calvinista, ora com ênfase arminiana. “O problema da predestinação, com todos os seus corolários, nunca foi solucionado pelos batistas, permanecendo uma tensão entre calvinismo e arminianismo”.²¹

¹⁸ Corrente teológica que se embasa nas concepções de Jacob Armínio e seus seguidores, trabalha temáticas relacionadas à doutrina da salvação, entre os temas está a questão do livre arbítrio.

¹⁹ Corrente teológica que trabalha os temas: depravação total, eleição incondicional, expiação limitada, graça Irresistível, perseverança dos Santos dentro do estudo relacionado à doutrina da salvação.

²⁰ HEWITT, 1993, p. 10.

²¹ AZEVEDO, 1996, p. 87.

Embora possuam ênfases e características muito diversas, são, ao mesmo tempo, todos batistas, unidos pela prática do congregacionalismo como forma de governo da Igreja e pelo Batismo de adultos sob profissão de fé como forma de entrada na Igreja.²²

A questão do batismo, que é algo que identifica os batistas no mundo, só foi normatizada a partir de 1644, quando a imersão passa a ser adotada como única forma de se batizar alguém. Os batistas particulares incluem essa forma em sua Confissão de Fé de 1644. Os batistas gerais também acabaram por adotar a mesma postura com relação à forma de batismo.

1.2.2 Características Batistas

Como ressaltado no texto, os batistas são diversificados doutrinariamente. Um exemplo é a soteriologia, em que não há uniformidade e isso vem desde o nascimento da denominação. Além disso, não são unânimes também quanto às formas e expressões de culto. Porém, existem algumas características que são comuns e capazes de identificar esse segmento tão diverso, marcas importantes para as demais considerações deste trabalho acadêmico. Os batistas são congregacionalistas quanto à forma de governo eclesiástico. Defendem o batismo de adultos (por imersão) sob profissão de fé como forma de entrada na igreja. Também são identificados por defenderem princípios em vez de doutrinas.

Entre os princípios batistas está aquele que é considerado de suma importância e é inspirado nos líderes batistas John Smyth e Thomas Helwys: o princípio da liberdade religiosa e de consciência. Israel Belo de Azevedo diz que um dos fatores que mais contribuiu para a afirmação dos batistas foi a discussão em torno da liberdade religiosa.²³

O princípio da liberdade religiosa foi caro aos batistas porque sentiram na pele os próprios efeitos de não poderem vivenciar de fato o que criam, quando

²² HEWITT, 1993, p. 11.

²³ AZEVEDO, 1996, p. 79.

tiveram que se refugiar na Holanda fugindo da perseguição religiosa. Thomas Helwys, advogado e estudioso da Bíblia, ao escrever o livro intitulado Uma Breve Declaração sobre o Mistério da Iniquidade, foi preso e morreu na prisão, em 1615.²⁴

John Smyth e Thomas Helwys figuraram entre os primeiros a defenderem a liberdade religiosa. John Smyth é considerado o primeiro inglês a escrever apelando para a liberdade de consciência e Thomas Helwys foi o primeiro que publicou uma obra requerendo liberdade religiosa mundial.²⁵

1.3 Os batistas no Brasil

O protestantismo brasileiro é fruto de uma empreitada missionária do protestantismo norte-americano. Os batistas chegaram ao Brasil na segunda metade do século XIX e não estavam sozinhos, outras denominações também começaram a enxergar o Brasil como um campo missionário. “Deve-se acentuar que, antes da empreitada missionária americana em direção ao Brasil, já havia no país traços do protestantismo via imigração”.²⁶

A segunda metade do séc. XIX viu o começo de vários empreendimentos missionários no Brasil. Depois da Guerra Secessão nos Estados Unidos, muitos sulistas desse país imigraram para o Brasil, e as igrejas de onde procediam começaram a ter consciência da necessidade de enviar missionários. Assim, a igreja metodista episcopal estabeleceu-se no Brasil em 1870, pois a obra que os metodistas haviam começado anteriormente não durara mais que uns poucos anos. O mesmo sucedeu com os presbiterianos do Sul, que vieram para o país em 1870; e com os batistas, cuja obra data de 1881. Quase no final do século, em 1893, os congregacionalistas norte-americanos organizaram uma missão a que deram o título de Help for Brasil.²⁷

²⁴ Informações de acordo com o site da CONVENÇÃO Batista Brasileira. Disponível em: <http://www.batistas.com/index.php?option=com_content&view=article&id=19&Itemid=12> acesso em: 14 nov. 2015.

²⁵ OLIVEIRA, 1997, p. 84.

²⁶ SILVA, Jesus Aparecido dos Santos. *Renovação Espiritual entre os Batistas no Brasil: uma abordagem sociológica*. Brasília: LERBAN, 2015. p. 29.

²⁷ GONZÁLEZ, Justo L.; ORLANDI, Carlos Cardoza. *História do Movimento Missionário*. São Paulo: Hagnos, 2010. p. 450.

Mas não havia apenas o interesse religioso. A vinda dos protestantes americanos para o Brasil também estava envolvida e permeada de interesses nas áreas política e econômica. O assunto pode ser aprofundado na obra de Antonio Gouvêa Mendonça, em que o autor trabalha a ideia de que a “expansão missionária das igrejas americanas no último terço do século XIX foi produto do sentimento nacional expansionista combinado com motivos teológicos”.²⁸ Com relação à chegada dos batistas em solo brasileiro, Rumble observa:

Em 1859 a Junta das Missões Estrangeiras apresentou à Convenção Batista do Sul dos EE.UU. as vantagens de um trabalho no Brasil, alegando entre outras coisas o depoimento do protestante Kidder: “Estou firmemente convicto de que não há no globo outro país católico romano de sentimentos tão tolerantes e liberais para com os protestantes” (Brasil and the Brazilians, p.148). Na realidade a infiltração batista efetivou-se no Brasil só mais tarde, quando algumas famílias do Sul dos EE.UU., desanimadas pelos efeitos trágicos da guerra entre o Norte e o Sul, procuraram o Brasil, então em fase de acentuado progresso, e, com a permissão liberal do governo imperial, fundaram a colônia americana de Santa Bárbara, na Província de S.Paulo, onde se levantou, a 10 de setembro de 1871, a primeira igreja batista.²⁹

A igreja de Santa Bárbara D'Oeste, em São Paulo, era composta somente de americanos. Os cultos eram realizados em inglês e não havia entre eles interesse proselitista, as características eram muito mais de um protestantismo de imigração. No site oficial da Convenção Batista Brasileira, o relato a respeito do início batista no Brasil diz:

Em 1882, quando foi organizada a Primeira Igreja Batista, voltada para a evangelização do Brasil, já existiam duas outras igrejas batistas, organizadas por imigrantes norte-americanos, residentes na região de Santa Bárbara do D'Oeste e Americana, São Paulo. Os casais de missionários batistas norte-americanos, recém chegados ao Brasil, Willian Buck Bagby e Anne Luther Bagby, os pioneiros; e Zacharias Clay Taylor, Kate Stevens Crawford Taylor, auxiliados pelo ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque, batizado em Santa Bárbara D'Oeste; decidiram iniciar a sua missão na cidade de Salvador, Bahia, com 250.000 habitantes. Ali chegaram no dia 31 de agosto de 1882 e no dia 15 de outubro, organizaram a PIB do Brasil com 5 membros; os dois casais de missionárias e o ex-padre Antônio Teixeira.³⁰

²⁸ MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo, SP: Edições Paulinas, 1984. p. 62.

²⁹ RUMBLE, L. *Os Batistas*. Petrópolis: Vozes, 1960. (Vozes em defesa da fé caderno 17). p. 43.

³⁰ Informações de acordo com o site da CONVENÇÃO Batista Brasileira. Disponível em: <http://www.batistas.com/index.php?option=com_content&view=article&id=19&Itemid=12&limitstar t=1> acesso em: 12 nov.2015.

A igreja organizada na Bahia é considerada a primeira igreja batista em território nacional para brasileiros, visto que a Igreja de Santa Bárbara D'Oeste era voltada aos colonos americanos. Vale ressaltar que a origem do trabalho batista no Brasil foi alvo de debate e discussão durante vários anos no meio dos batistas brasileiros.³¹

Os missionários vindos ao Brasil foram enviados pela Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos da América e, a partir da igreja organizada na Bahia começaram, os trabalhos voltados à divulgação das doutrinas batistas. O grupo pioneiro foi crescendo e outros membros foram sendo agregados. Depois de 25 anos de trabalho, o grupo batista já contava com 83 igrejas e aproximadamente 4.200 membros. O próximo passo foi a organização da Convenção Batista Brasileira, fato que ocorreu em 22 de junho de 1907.

Os batistas são numerosos e diversificados. Existem no Brasil muitos grupos e denominações que se definem como batistas, entre eles estão os batistas regulares, batistas brasileiros, batistas nacionais, batistas do sétimo dia e batistas independentes. Por questões relacionadas à pesquisa, os grupos mencionados e estudados de maneira mais direta serão os batistas brasileiros e os batistas nacionais.

A Convenção Batista Brasileira (CBB) é o órgão representativo dos batistas brasileiros. Representa as igrejas a ela filiadas e fornece os meios necessários para que haja entre as igrejas um ambiente de cooperação e identidade doutrinária. De acordo com dados fornecidos pela organização, hoje os batistas brasileiros representam cerca de 7.000 igrejas, 4.000 missões e 1.350.000 fiéis.³²

Fez-se necessário conhecer um pouco da história batista brasileira, pois é a partir desta realidade que surgem os batistas nacionais, objeto de estudo do

³¹ Tese de doutorado onde Alberto Kenji Yamabuchi reflete sobre os debates que trataram sobre as origens do trabalho batista no Brasil. Os debates aconteceram entre a pesquisadora Betty Antunes de Oliveira e o Pastor José dos Reis Pereira. YAMABUCHI, Alberto Kenji. *O debate sobre a história das origens do trabalho batista no Brasil: uma análise das relações e dos conflitos de gênero e poder na Convenção Batista Brasileira dos anos 1960-1980*. São Bernardo do Campo, 2009. Tese de Doutorado. Universidade Metodista de São Paulo.

³² Informações de acordo com o site da CONVENÇÃO Batista Brasileira. Disponível em: <http://www.batistas.com/index.php?option=com_content&view=article&id=3&Itemid=10> acesso em: 12 nov. 2015.

presente trabalho. Os batistas nacionais são fruto de uma divisão que ocorreu entre os batistas brasileiros na década de 1960. Essa divisão culminou na expulsão de algumas igrejas filiadas à CBB, que se uniram para criar, posteriormente, uma nova denominação: os Batistas Nacionais. Após isso, se organizaram criando a Convenção Batista Nacional.

2 CONVENÇÃO BATISTA NACIONAL: ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Conforme ressaltado anteriormente, sob a designação batista existem diversos grupos. No Brasil, essa realidade evidencia-se ao perceber os vários grupos que se denominam batistas. Entre esses grupos, existem os batistas nacionais, fruto de um movimento de renovação espiritual que ocorreu entre os batistas brasileiros. Para compreender o pensamento teológico batista nacional é necessário analisar o movimento de renovação espiritual e seus desdobramentos.

O segundo capítulo aborda as tensões institucionais provocadas pelas experiências narradas pelo movimento. Para a denominação batista brasileira, tais experiências aproximavam o movimento de renovação espiritual do pentecostalismo. A partir daí, o rompimento foi inevitável. A mensagem do movimento de renovação era incompatível com a maneira com que os batistas brasileiros entendiam a doutrina do Espírito Santo. Algumas igrejas foram expulsas da fraternidade batista brasileira, os dissidentes frustrados se agruparam e o que era a princípio um movimento institucionalizou-se e nasceram os batistas nacionais.

2.1 Movimento de Renovação Espiritual

Movimento iniciado na década de 1950 com a missionária americana Rosalee Mills Appleby e aderido pelos pastores José Rego do Nascimento e Enéas Tognini entre as igrejas batistas da Convenção Batista Brasileira (CBB). O movimento difundiu uma mensagem de despertamento³³ e avivamento³⁴ no seio das igrejas batistas da CBB e pretendia alcançar as demais igrejas históricas brasileiras. A principal mensagem do Movimento de Renovação Espiritual era sobre a necessidade de uma segunda experiência com o Espírito Santo, denominada de

³³ Despertamento: Despertamento é usado pelos líderes do movimento de renovação no sentido de acordar as igrejas que dormiam “embaladas pelo comodismo e inatividade”. TOGNINI, Enéas; ALMEIDA, Silas Leite de. *História dos Batistas Nacionais*. Brasília: LERBAN, 2007. p. 250.

³⁴ Avivamento: “Avivar é tornar novo, restaurar. E quando se trata de seres vivos, é dar-lhes vida nova, reanimá-los, recuperar-lhes as energias”. TOGNINI; ALMEIDA, 2007, p. 31.

batismo no Espírito Santo. O termo já havia sido utilizado pelos pentecostais e causou estranheza e desconforto entre os batistas brasileiros. A primeira experiência era a regeneração ou novo nascimento. A pessoa que havia passado por essa experimentação devia buscar uma segunda, que seria o batismo no Espírito Santo, um acontecimento distinto e posterior à regeneração.

Segundo Silva, o movimento de renovação espiritual passa por três momentos:

No primeiro, o movimento é anunciado pela missionária americana Rosalee Appleby, que começa solitária e depois ganha dois importantes adeptos para o movimento de renovação: José Rego do Nascimento e Enéas Tognini. No segundo, tem a participação dos brasileiros. Pelos relatos históricos, há uma mudança na proclamação e na ênfase do movimento. Os pastores José Rego do Nascimento e Enéas Tognini passam a ser confrontados pela cúpula da denominação. Algo que não acontecia com a missionária americana Rosalee Appleby. Nesse segundo momento, o movimento de renovação procura uma objetivação da experiência espiritual de modo a torna-la visível: O batismo no Espírito Santo, glossolalia, manifestações de cura e outras formas visíveis da experiência carismática. Quando as vivências extáticas surgem, objetivamente o movimento de renovação para a ser identificado com o movimento pentecostal. Os encontros de renovação se tornam encontros pentecostais. Há uma assimilação da linguagem, dos conceitos e dos valores do movimento pentecostal. No terceiro momento, quando ambos se aproximam do movimento de renovação do movimento pentecostal é gerado um desconforto inicial, e por fim, a rejeição pelos batistas.³⁵

O movimento partilhou de uma tríplice liderança. Embora não tenha sido uma liderança institucionalizada, foi uma espécie de tripé que sustentou a renovação espiritual no meio dos batistas brasileiros. Três nomes figuram nessa liderança e cada uma em seu tempo teve sua importância para que a mensagem de renovação espiritual se consolidasse.

³⁵ SILVA, 2015, p. 83.

2.1.1 Rosalee Mills Appleby

Ao realizar os seus estudos teológicos nos Estados Unidos, Rosalee Mills Appleby sentiu-se chamada por Deus para trabalhar no Brasil. Ela mudou-se junto com o marido David Appleby, também missionário. O casal chegou ao Rio de Janeiro e foi acolhido por uma junta missionária. No primeiro momento, dedicaram-se ao aprendizado da língua e cultura brasileira. O foco dos missionários era o interior do país e, em 1924, foram para o estado de Minas Gerais.

Após pouco tempo em Belo Horizonte, o esposo de Appleby faleceu de forma prematura em 1925. A história conta que esse fato a fez pensar em voltar para seu país de origem. Mas Appleby decidiu permanecer no Brasil, reafirmando o seu chamado para esta nação. Juntamente com o trabalho missionário, Appleby se dedicava a outras atividades, como a escrita. Ela começou a escrever livros e folhetos sobre a renovação espiritual. Entre os folhetos publicados, destaca-se o *Vida Vitoriosa*. Sobre esse trabalho, Xavier relata:

Ela os mandava aos pastores. Eram mensagens de avivamento. Ela tinha o cuidado de usar palavras adequadas e que não provocassem problemas, mas, mesmo assim, muitos, ao recebê-los, jogavam-nos na lixeira. Outros se rendiam à sua mensagem. Rosalee ungia com oração os folhetos enviados e seus joelhos se dobravam em favor de um homem que se tornasse o portavoz do avivamento no Brasil. Finalmente, José Rego do Nascimento, Enéas Tognini e Rosivaldo de Araújo, além de outros, foram alcançados. Um despertamento espiritual era o centro de suas atenções, de seus pensamentos, de suas ações. Orava por um avivamento diariamente e criou a expressão “Oremos diariamente por um avivamento espiritual na Pátria Brasileira.”³⁶

Os escritos de Appleby passaram a circular no meio dos batistas brasileiros com uma mensagem de renovação e avivamento, muitos foram influenciados por suas palavras e, entre eles, líderes da denominação. Segundo Enéas Tognini na obra *História dos Batistas Nacionais*, o desejo de Appleby nunca foi de rompimento com a denominação e sim de despertamento espiritual.

D. Rosalee sentiu grande responsabilidade de um avivamento que viesse incendiar com o fogo do céu, as igrejas históricas D. Rosalee era batista e nunca foi abalada em suas convicções denominacionais. Cria que um batista ou um presbiteriano ou metodista ou congregacional ou luterano avivado, deveria permanecer em sua igreja e aquecer o seu “povo”.³⁷

³⁶ XAVIER, João Leão dos Santos. *Colunas da Renovação*. Belo Horizonte: LERBAN, 1997. p. 37.

³⁷ TOGNINI; ALMEIDA, 2007, p. 50.

As mensagens escritas de Appleby influenciaram o Pr. José Rego do Nascimento que começou a difundir a mensagem de renovação espiritual, e conseqüentemente de Batismo no Espírito Santo.

Na biografia sobre Appleby, Dubois ressalta:

A doutrina incomparável do domínio, da plenitude, ou para usar a terminologia do Divino Mestre, “O Batismo no Espírito Santo” (At 1:5) ressalta, como centelhas, em todos os escritos da serva de Deus. É a doutrina do enriquecimento do crente. Quantas pessoas foram influenciadas pelos Folhetos de Poder! Creio que nestes dias tumultuados, não há um crente verdadeiramente nascido de novo que não aceite “andar no Espírito!”³⁸

Em fevereiro de 1960 ao completar 65 anos, Appleby retorna aos Estados Unidos e Rego e Tognini continuam os trabalhos. Em sua terra natal Appleby vive anos de tranquilidade, vindo a falecer no dia 20 de maio de 1991 aos 96 anos de idade.³⁹

Ainda sobre Appleby, Xavier relata:

Primeiro, D. Rosalee Mills Appeby, que lançou as bases do avivamento com folhetos e livros que espalhou pelo Brasil. Missionária vinda dos Estados Unidos, viveu mais de trinta anos no Brasil, orou pelo avivamento e deu sua contribuição com a literatura que espalhou e a evangelização em Petrópolis e Belo Horizonte, principalmente.⁴⁰

2.1.2 José Rego do Nascimento

José Rego do Nascimento era pastor batista na cidade de Vitória da Conquista, Bahia. Depois ter tido contato com a literatura escrita por Appleby e outras que falavam sobre a experiência do Batismo no Espírito Santo, começou a buscar a experiência, fato que veio ocorrer em 20 de setembro de 1955.⁴¹ Em 1958 Rego aceita o convite da recém-formada Igreja Batista da Lagoinha e muda-se com a família para Belo Horizonte, assumindo o pastorado da referida igreja. No mesmo ano, José Rego começou um programa na Rádio Guarani, que deu mais alcance à mensagem do movimento de renovação. Rego passou a ser o grande proclamador

³⁸ DUBOIS, Stela C. *Rosalee Mills Appleby*. São Paulo: Louvores do Coração, 1991. p. 30.

³⁹ XAVIER, 1997, p. 38-39.

⁴⁰ XAVIER, 1997, p. 68.

⁴¹ XAVIER, 1997, p. 53-54.

da mensagem de renovação, tanto na rádio como nas igrejas, os convites pra pregar sobre o tema eram muitos.

Ainda em 1958, o Pr. Enéas Tognini, importante líder no meio dos Batistas Brasileiros, alega ter tido a experiência do Batismo no Espírito Santo e junta-se a Appleby e Rego.⁴²

O movimento de Renovação Espiritual sofreu diversas pressões de líderes da CBB. Essas pressões, na maioria das vezes, recaíam sobre o Pr. José Rego, que acabou adoecendo e saindo de cena. Enéas Tognini assume a responsabilidade e passa a ser a voz proclamadora do movimento de renovação.

Esse caudal de atividades, pressões, dissabores minaram-lhe as resistências, levaram-no ao calvário, ao martírio – estafou-se. Renovação Espiritual custou-lhe a saúde física. Deus é soberano. Ele sabe. A missão de espalhar o fogo pelo bosque inteiro estava cumprida. Moisés passa a Josué a missão de continuar. Era o momento de atravessar o Jordão. Mais uma etapa dura da jornada. Moisés, então, ordenado pelo Senhor, passa o cajado a Josué: “Então disse o Senhor a Moisés: Toma para ti a Josué, filho de Num, homem em quem há o Espírito, e põe a tua mão sobre ele” (Nm 27.18). “Homem em quem há o Espírito...”, forte, preparado e corajoso... E foi exatamente assim que aconteceu. Para o comando dessa segunda etapa de Renovação Espiritual, o Senhor levantou Enéas Tognini – competente e experimentado homem de Deus.⁴³

Rego pastoreou a Igreja Batista da Lagoinha no período de 15 de maio de 1958 a 31 de dezembro de 1965. Então, se afastou durante algum tempo para cuidar da saúde e, em 1968, voltou ao pastorado onde permaneceu por mais um ano.⁴⁴ Depois desse período Rego afastou-se completamente das atividades pastorais e também do movimento de renovação.

Xavier relata: “Este espalhou o fogo na Seara. Ele é de fato o primeiro dentre todos nessa obra. Rego foi o pioneiro entre todos. Foi ele quem levou a chama do avivamento, chamado Renovação Espiritual, a todos os cantos do país do Cruzeiro do Sul”.⁴⁵

⁴² TOGNINI; ALMEIDA, 2007, p. 54.

⁴³ TOGNINI; ALMEIDA, 2007, p. 110.

⁴⁴ XAVIER, 1997, p. 67.

⁴⁵ XAVIER, 1997, p. 68.

2.1.3 Enéas Tognini

Dos pioneiros do movimento de renovação Tognini era o que gozava de maior prestígio na CBB. Ocupou cargos importantes na denominação⁴⁶ e narra que se sentiu desafiado por Deus a abandoná-los por ocasião da experiência de Batismo no Espírito Santo.

Tognini relata que durante sua experiência de Batismo no Espírito Santo ouviu a voz de Deus que dizia: Entrega. Ao questionar sobre o que deveria entregar Tognini diz que lhe foi pedido que entregasse os 4 ídolos que governavam a sua vida: A biblioteca de aproximadamente 4 mil volumes, a direção do Colégio Batista, o pastorado da Igreja Batista de Perdizes e a família. Ao entregar o último ídolo Tognini narra que veio sobre ele “um poder tal” como nunca havia experimentado. Gozo profundo, paz maravilhosa, foram alguns dos adjetivos usados para descrever a experiência. “Fui revestido de poder do alto”, complementa Tognini.⁴⁷

Junto com José Rego, Tognini viajou por todo o Brasil, levando a bandeira da renovação espiritual. Dos pioneiros da renovação Enéas é o que permanece mais tempo à frente do movimento e depois na instituição Batista Nacional onde ocupa diversos cargos em diferentes órgãos da organização. Enéas Tognini faleceu no dia 9 de setembro de 2015, aos 101 anos, na cidade de São Paulo. Ao comentar sobre Tognini, Xavier ressalta: “Este consolidou a obra. Durante vários anos, ele viajou por todo o Brasil, num ministério especial de avivamento e evangelização”.⁴⁸

2.2 Experiências Pentecostais, reações institucionais

Como ressaltado anteriormente o movimento começa com uma proposta de busca por avivamento e renovação, e não encontra de imediato resistência por parte da liderança batista. À medida que os relatos sobre a experiência do Batismo no Espírito começam a surgir, as inquietações e ponderações foram inevitáveis. A

⁴⁶ TOGNINI; ALMEIDA, 2007, p. 115.

⁴⁷ TOGNINI; ALMEIDA, 2007, p. 117.

⁴⁸ XAVIER, 1997, p. 68.

expressão “experiências pentecostais” é usada dada à semelhança do movimento de renovação com o pentecostalismo, pelo menos no caráter manifestacional, os renovados começam a ser chamados de pentecostais. Uma dessas experiências narradas pelos pioneiros do movimento de renovação foi o motivo para que os ânimos ficassem exaltados e a história caminhasse para a futura divisão entre os batistas brasileiros, culminando com a expulsão de algumas igrejas do rol da CBB e mais tarde contribuindo para o surgimento da Convenção Batista Nacional. Abaixo segue trecho da carta escrita por José Rego a Enéas Tognini, em outubro de 1958 narrando o acontecido.

Escrevo-lhe, meu irmão, para informá-lo de que alguma coisa gloriosa está acontecendo em nossa Pátria. Estou voltando do Seminário do Sul, no Rio, depois de uma semana de trabalhos especiais com os seminaristas, a convite do grêmio, onde estudamos a doutrina do Espírito Santo. Na sexta-feira pela manhã, o Senhor nos visitou com grande poder, levando ao altar quase todos os seminaristas. Na noite de dia seguinte, cerca de 50 seminaristas se reuniram na biblioteca para uma reunião de oração. Depois do cântico de alguns hinos, foi lido um trecho da Bíblia e começamos a orar. Todos se mostravam submissos e desejosos de Deus. Por volta da quarta oração, aconteceu pentecostes. O Espírito saiu sobre a casa, possuindo a muitos. Alguns seminaristas se deixaram cair no chão, outros por sobre as mesas, outros se levantaram e muitos confessavam pecados em voz alta, ouvindo-se gemidos e sons de choro incontinente. Atordoado pela surpresa do acontecido, levantei-me dos meus joelhos e pensei fechar os basculantes da sala – tomar qualquer medida que evitasse que o barulho chegasse até as casas vizinhas. Mas logo senti-me repreendido pelo Espírito e deixei-me ficar no meu lugar; e entrando, eu mesmo, a participar da reunião.

Que experiência, Enéas!... Quando pedi que todos se levantassem, encerrando o período de oração, os seminaristas se abraçam, possuídos de grande emoção, os rostos molhados de lágrimas. Era cerca de 1:30 da manhã; e fora tudo como se apenas cinco minutos se tivessem passados. Voltamos a louvar o Senhor, iniciando com o cântico do hino “Chuvvas de bênçãos”. Todos cantavam num clima de muita alegria e vibração. Findo o período de cânticos, começaram a pedir a palavra – ora um, ora outro; e as confissões mais inesperadas e confissões mais tocantes tiveram lugar. Em seguida, voltamos a orar. Recomeçou a visitação do Espírito. Muitos sentiam-se cheios de poder do Espírito, e com tal intensidade que alguns pediam ao Senhor que parasse a visitação – o Batismo do Espírito. Alguns podiam conter a emoção e andavam pelo salão rindo livremente.

Que espetáculo Enéas!... Assim como um banquete do céu na terra – o mosto do céu! O apóstolo tem razão: “Enchei-vos do Espírito!”. Um dos seminaristas teve uma visão de Jesus, na glória. Agarrava-se a mim, enquanto dizia: “Estou vendo o amado Salvador, não quero abrir os olhos, Pastor!”

Quando terminaram as orações, era cerca de quatro horas da manhã. Passou o tempo como um sopro. Fomos para a capela do seminário, onde encerramos os trabalhos da semana.⁴⁹

O episódio da biblioteca não passou despercebido. A administração e o corpo docente se pronunciaram no Jornal Batista, enfatizando que eram contra o

⁴⁹ TOGNINI; ALMEIDA, 2007, p. 55-56.

ocorrido e que tudo não passou de “extremado emocionalismo e excessos perturbadores”. A junta administrativa também posicionou-se contrária ao ocorrido e destacou que lamentava a atitude do Pr. José Rego e que a reunião havia sido realizada sem o consentimento do reitor da instituição.⁵⁰

2.2.1 Ruptura Institucional

Outros episódios de reprovação ao movimento de renovação aconteceram entre eles a expulsão da Igreja Batista da Lagoinha⁵¹ (pastoreada por José Rego) da Convenção Batista Mineira. O fato aconteceu na Convenção de Julho de 1961 em Juiz de Fora, Minas Gerais. Outras igrejas acabaram sendo excluídas junto com a Batista da Lagoinha. Há certa divergência com relação ao número de igrejas desligadas da Convenção, mas fala-se entre 30 e 32 igrejas.⁵²

Havia uma expectativa no coração de José Rego e Enéas Tognini, eles se sentiram injustiçados com o que aconteceu em Juiz de Fora e aguardavam pela 44ª Assembleia anual da CBB que aconteceria em Curitiba em Janeiro de 1962; tinham esperança de serem ouvidos e poderem expor seus pensamentos a respeito do movimento de Renovação Espiritual. Isso não aconteceu:

Em Curitiba, a 44ª Assembleia Anual da Convenção Batista Brasileira decidiu nomear uma comissão de 13 integrantes para examinar a doutrina do Espírito Santo assumida pelo movimento de Renovação e confrontá-la com a doutrina Batista.⁵³

⁵⁰ TOGNINI; ALMEIDA, 2007, p. 58-59.

⁵¹ Tese de doutorado de Reinaldo Arruda que aborda o tema de maneira mais ampla.

PEREIRA, Reinaldo Arruda. *Igreja Batista da Lagoinha: trajetória e identidade de uma corporação religiosa em processo de pentecostalização*. São Bernardo do Campo, SP: [s.n.], 2011. 361 f. Tese (Doutorado) - Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Direito e Humanidades, São Bernardo do Campo, 2011.

⁵² ALONSO, Leandro Seawright; WIRTH, Lauri Emilio. UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião. *Poder e experiência religiosa: uma história de um cisma pentecostal na Convenção Batista Brasileira na década de 1960*. São Bernardo do Campo, 2008. 207 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, 2008. p. 106.

⁵³ ARAUJO, Israel Alves. *Dicionário do movimento pentecostal / Israel de Araujo*. Rio de Janeiro, RJ. CPAD, 2007. p. 742.

Essa comissão ficou conhecida como “A comissão dos treze”, e foi formada assim:

Quando Rubens Lopes indicou a Comissão dos Treze, propôs o seguinte: três de Renovação Espiritual: José Rego do Nascimento, Achilles Barbosa e Enéas Tognini; contra Renovação Espiritual: Harald Schaly, Delcyr de Souza Lima e Reinaldo Purim e sete para julgar: João Filson Soren, David Mein, Werner Kaschel, José dos Reis Pereira, David Gomes e Thurman Bryant, presididos por Rubens Lopes.⁵⁴

Em janeiro de 1964, em Recife, durante a 46ª Assembleia Convencional, a Comissão dos 13 apresenta o seu relatório, recomendando o abandono por parte dos pastores ligados à renovação, das doutrinas abraçadas por eles. Se isso não ocorresse, deveriam pedir desligamento da Convenção.⁵⁵ Mais adiante serão destacados alguns aspectos que o parecer da Comissão dos 13 ressaltou sobre a doutrina do movimento de renovação.

Em janeiro de 1965, na cidade Niterói, a CBB excluiu 32 igrejas e até o final daquele ano, o número de igrejas excluídas foi cerca de 52.⁵⁶ Tognini relata que o momento que sucedeu a exclusão das igrejas renovadas foi de tristeza e abatimento, mas também foi um momento de reavaliar a caminhada até ali. Tognini reconheceu que houve um grupo no meio do movimento de renovação que prejudicou o trabalho. Segundo ele essas pessoas distorciam a mensagem da renovação, eram muito barulhentos, se excediam na prática dos dons espirituais e cometeram muitos atos agressivos contra os que não acreditavam na renovação. Eles não pertenciam ao grupo de fato e por isso não permaneceram nele depois da exclusão.⁵⁷

⁵⁴ TOGNINI; ALMEIDA, 2007, p. 129.

⁵⁵ ARAUJO, 2007, p. 742.

⁵⁶ TOGNINI; ALMEIDA, 2007, p. 156.

⁵⁷ TOGNINI; ALMEIDA, 2007, p. 160.

2.2.2 Surgimento da Convenção Batista Nacional

Depois de um período de avaliação, os batistas excluídos da CBB sentiram a necessidade de se associarem novamente para que a mensagem de renovação não se perdesse, estavam traumatizados com a saída da CBB e não suportavam ouvir o nome Convenção. Em abril de 1965 decidiram criar uma aliança evangélica. A organização era interdenominacional e abrigou sob as suas tendas crentes vindos de outras denominações, que também haviam sido expulsos das suas igrejas de origem pelos mesmos motivos. “Nos dias da AME, com aproximadamente 90% de batistas renovados e entrando nos tempos da Convenção Batista Nacional, tivemos os abençoados Encontros de Renovação Espiritual”.⁵⁸ Esses encontros serviam para reforçar a comunhão e fortalecer a mensagem do movimento. Muitos desses encontros foram embalados pelo hino Obra Santa, composto em 1965 pelo Pr. Rosivaldo de Araújo.

Obra Santa

Obra santa do Espírito,
 Esta causa é do Senhor,
 Como vento impetuoso,
 Como fogo abrasador;
 Estamos sobre a terra santa,
 Reverência e muito amor,
 Essa hora é decisiva!
 Vigilância e destemor.

Ninguém detém, é obra santa!

Ninguém detém, é obra santa!

Nem Satã ou o mundo todo,

Hão de apagar este ardor!

Ninguém detém, é obra santa!

Esta causa é do Senhor!

Em meu peito renovado,
 Arde o fogo do Senhor;
 É a benção do Espírito

⁵⁸ TOGNINI; ALMEIDA, 2007, p. 165.

Nos enchendo de fervor;
 E Jesus está salvando,
 Apagando toda dor,
 No Espírito batizando,
 Pois da vida Ele é Senhor!

Eis o Noivo vem chegando,
 Trescalando suave odor!
 Já se sente o perfume
 Da unção do Salvador!
 E a noiva ataviada
 De pureza e de esplendor
 Aguardando entrar nas bodas
 Pra reinar com seu Senhor.
Rosivaldo de Araújo.⁵⁹

Conviver com pessoas vindas de outras denominações e que tinham identidades e princípios teológicos diferentes não foi fácil e tornou-se insustentável. Sob a sigla AME (Ação Missionária Evangélica), a AME existiu até setembro de 1967. As coisas caminharam para a criação de uma organização que atendesse aos ideais e identidade do povo dissidente dos Batistas Brasileiros. Nasce, assim, em setembro de 1967, a Convenção Batista Nacional (CBN).⁶⁰

Sobre a criação da CBN, Silva observa:

O passo mais importante e decisivo no processo de institucionalização do movimento de renovação, agora chamado de CBN, foi a criação de um corpo de especialistas capaz de manter e reproduzir os ideais da denominação. Para tanto, no mesmo ano da criação da CBN, nasce o STEB (Seminário Teológico Evangélico do Brasil). Nota-se que não aparece o nome Batista na sigla. Após a fundação do STEB, e a resultante formação de líderes, estavam garantidas. A cada ano, novos pastores eram formados e lançados dentro da estrutura denominacional. Aos poucos, a denominação tomava forma e se consolidava. O movimento de renovação se transforma em denominação, e conseqüentemente deixa de ser movimento, lançando no campo religioso brasileiro mais uma instituição evangélica: A Convenção Batista Nacional.⁶¹

A abordagem histórica do presente trabalho abordou o movimento de renovação espiritual, o seu início, desenvolvimento e institucionalização com a criação da CBN. A CBN tem quase 50 anos de história e certamente outras

⁵⁹ TOGNINI; ALMEIDA, 2007, p. 199.

⁶⁰ TOGNINI; ALMEIDA, 2007, p. 282.

⁶¹ SILVA, 2015, p. 177.

temáticas e ênfases teológicas se desenvolveram na denominação durante esse período, mas é preciso ressaltar que o presente trabalho não tem por objetivo descrever historicamente os desdobramentos denominacionais durante esse período de quase 50 anos. Por uma questão de contextualização e caracterização teológica faz-se necessário uma pequena abordagem referente aos batistas nacionais na atualidade.

Após quase 50 anos, a Convenção consolidou-se, agregou novas igrejas e montou sua estrutura organizacional. Hoje, presente em todo o território nacional, a CBN conta na atualidade com uma membresia de aproximadamente 384 mil fiéis, cerca de 1.571 igrejas e 1.185 missões e congregações. O quadro abaixo fornece informações sobre a presença dos batistas nacionais em território nacional.⁶²

CONVENÇÕES	Municípios	Municípios Alcançados	Igrejas	Congr. Missões	Pastores	Aspirantes	Última Atualização	População	Evangélicos	% Evangélicos	Batistas Nacionais
01 - CBN-AL	22		15	0	9		15/05/2014	776.463	239.151	30,8	680
02 - CBN-AM	62	10	33	35	37		10/10/2014	3.807.921	1.172.840	30,8	4.270
03 - CBN-BA	417	120	146	176	195		22/04/2014	15.044.137	2.286.709	15,2	30.700
04 - CBN-CE	184	11	15	19	13		-	8.778.576	1.044.651	11,9	1.770
05 - CBN-DF	1	1	56	36	104		05/08/2014	2.789.761	764.395	27,4	26.600
06 - CBN-ES	78	47	72	25	63		22/04/2014	3.839.366	1.159.489	30,2	16.420
07 - CBN-GO	246	28	35	23	46		22/04/2014	6.434.048	1.705.023	26,5	4.490
08 - CBN-MA	217	55	32	75	50			6.794.301	1.059.911	15,6	6.950
09 - CBN-MG	853	237	367	100	628			20.593.356	3.768.584	18,3	113.000
10 - CBN-MS	79	24	19	19	23			2.587.269	618.357	23,9	2.530
11 - CBN-MT	141	51	26	54	68			3.182.113	652.333	20,5	8.700
12 - CBN-PA/AP	160	29	24	30	21			8.704.650	2.063.002	23,7	4.300
13 - CBN-PB	223	12	11	11	15		15/12/2014	3.914.421	548.019	14,0	1.600
14 - CBN-PE	185	116	95	198	105			9.208.550	1.758.833	19,1	26.900
15 - CBN-PI	224	31	13	40	21		-	3.184.166	277.022	8,7	7.190
16 - CBN-PR	399	28	42	18	33		22/04/2014	10.997.465	2.221.488	20,2	3.450
17 - CBN-RJ	92	61	213	95	246			16.369.179	4.747.062	29,0	46.200
18 - CBN-RN	167	12	7	12	5		-	3.373.959	455.484	13,5	1.860
19 - CBN-RO/AC	52	45	47	12	39			1.728.214	532.290	30,8	9.820
20 - CBN-RR	15	4	4	3	6			488.072	164.968	33,8	700
21 - CBN-RS	497	49	44	32	52		-	11.164.043	1.752.755	15,7	13.000
22 - CBN-SC	295	30	29	12	39	7	08/12/2014	6.634.254	1.127.823	17,0	4.600
23 - CBN-SE	177	47	16	80	16		-	5.496.597	703.564	12,8	4.200
24 - CBN-SP	645	128	207	47	228			43.663.669	10.173.635	23,3	40.900
25 - CBN-TO	139	25	18	33	32		12/12/2014	1.478.164	338.500	22,9	3.930
TOTAL	5.548	1.201	1.571	1.185	2.085			200.256.251	41.096.736		384.080

Última atualização Secretaria de Comunicação da Convenção Batista Nacional : 25/05/2014
 Fonte: Dados Igrejas (Cadastro CBN) / Dados Pastores (Cadastro Ombiban) / Demais (Senam/CBE's/Igrejas)
 Fonte: IBGE 2013 (www.ibge.gov.br) / InfoBrasil 2004 (www.infobrasil.org)

A estrutura tornou-se organizada e conta com a composição de vários

⁶² As informações contidas nesse quadro foram repassadas pelo escritório da CBN em Brasília em novembro de 2015.

órgãos e instituições; seguem alguns componentes da estrutura organizacional da CBN:

ORMIBAN: Ordem dos Ministros Batistas Nacionais, responsável pelo credenciamento dos pastores das igrejas filiadas. A ORMIBAN também é representada em cada estado por suas regionais.

JAMI: Junta Administrativa de Missões – Agência missionária da CBN que facilita e apoia as igrejas nos projetos missionários voltados principalmente para missões transculturais.

STEB: Seminário Teológico Evangélico do Brasil, Instituição de formação teológica da CBN. Nos Estados existem também os seminários regionais.

LERBAN: Livraria Editora Renovação Batista Nacional, produz e distribui literatura de natureza religiosa e educativa.

CBEs: São as Convenções Batistas Estaduais.⁶³

⁶³ *MANUAL Básico Batista Nacional e Manual da Ormiban*, [s.d.], p. 50.

3 TEOLOGIA BATISTA NACIONAL

O presente capítulo aborda os aspectos teológicos dos batistas nacionais, sendo que a doutrina do Espírito Santo e as questões ligadas à prática eclesial fornecem meios necessários para que se possa entender e conceituar a denominação. A abordagem diferencia a maneira com que o MRE entendia o batismo no Espírito Santo da maneira com que os pentecostais conceituavam a mesma realidade. Os batistas nacionais passam a ser identificados como carismáticos, isso reflete a maneira com que as comunidades se organizam e cultuam, há uma maior abertura para os carismas, enfatizando a busca pelos carismas de edificação coletiva. Nos aspectos organizacionais e conceituais percebe-se o jeito batista de ser igreja, forma de governo congregacional e confissão pautada nos princípios batistas.

3.1 Pneumatologia

O desentendimento entre os batistas brasileiros, que culminou com o desligamento das igrejas ligadas ao movimento de renovação espiritual, se deu na área da pneumatologia.⁶⁴ Especificamente, com a doutrina do batismo no Espírito Santo, considerada uma segunda bênção ou uma segunda etapa na vida cristã e que devia ser buscada após a conversão.

Esse tipo de entendimento a respeito do Batismo no Espírito Santo era, geralmente, atribuído ao pentecostalismo. Os participantes do Movimento de Renovação Espiritual (MRE) passaram a ser identificados como pentecostais.⁶⁵

⁶⁴ Pneumatologia: Segmento da doutrina cristã que trata do Espírito Santo. O termo deriva-se das palavras gregas *pneuma* (espírito) e *logos* (ensino sobre). A pneumatologia estuda a pessoa e a obra do Espírito, sobretudo sua participação na SALVAÇÃO. GRENZ, Stanley J.; GURETZKI, David; NORDLING, CherithFee. *Dicionário de teologia*: mais de 300 conceitos teológicos definidos de forma clara e concisa. Edição de bolso. São Paulo: Vida, 2000. p. 105.

⁶⁵ Pentecostal: Qualquer denominação ou grupo que remonta sua origem histórica ao reavivamento pentecostal que começou nos Estados Unidos em 1901 e que sustenta as posições pentecostais 1) de que o batismo no Espírito Santo é ordinariamente um evento subsequente à conversão, 2) de que

A Comissão dos Treze, ao analisar a teologia do MRE, emitiu um parecer destacando os seguintes pontos:

A crença no batismo no Espírito Santo como uma segunda bênção, ou seja, como uma segunda etapa na vida cristã, ou seja, ainda, como uma nova experiência posterior à conversão, não encontra base nas Escrituras.⁶⁶

Além de serem classificados como pentecostais, o parecer da Comissão dos Treze reforça a ideia de que o MRE também não tinha base bíblica em suas doutrinas.

Quais foram as bases bíblicas usadas pelo MRE? Quanto à teologia, o MRE de fato era pentecostal? O que é possível perceber na literatura produzida pelos envolvidos no movimento é que eles admiravam os pentecostais. Porém, nunca usaram o termo referindo-se a si mesmos, preferiam denominar-se “renovados”. A ideia era renovar as igrejas históricas e não se juntar ao pentecostalismo. Sobre essa questão, Tognini ressalta:

O problema não consiste em uma pessoa avivada ou batizada no Espírito Santo transferir-se para as Igrejas Pentecostais. Isso não resolveu o problema no passado e não resolverá no presente. O certo é restaurar O PODER DO ESPÍRITO SANTO dentro das igrejas históricas, que o diabo apagou há séculos, o que tem sido causa da mornidão de muitas de nossas igrejas na atualidade.⁶⁷

Outra consideração importante é que não se percebe vínculo direto entre o MRE e igrejas pentecostais, principalmente as que refletiam o momento do pentecostalismo no Brasil, as chamadas igrejas da segunda onda.⁶⁸

Na literatura produzida pelo MRE, à época, alguns livros abordam o tema batismo no Espírito Santo. Sendo eles: *Batismo no Espírito Santo*, de Enéas Tognini; e *Calvário e Pentecoste – Regeneração e Poder*, de José Rego do Nascimento.

o batismo no Espírito Santo torna-se evidente pelo sinal do falar em línguas e 3) de que todos os dons espirituais mencionados no NT devem ser buscados e usados hoje. GRUDEM, Wayne A. *Manual de teologia sistemática: uma introdução aos princípios da fé cristã*. São Paulo: Vida, 2001. p. 536.

⁶⁶ *DOCTRINA do Espírito Santo*: parecer da Comissão dos Treze. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1963. p. 17.

⁶⁷ TOGNINI, Enéas. *Batismo no Espírito Santo*. São Paulo: Bompastor, 2000. p. 20.

⁶⁸ Segunda onda: O sociólogo Paul Freston classifica o pentecostalismo brasileiro sob a ótica de três ondas no que diz respeito a implantação das igrejas no Brasil. As chamadas igrejas da segunda onda são: Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é amor (1962). ANTONIAZZI, Alberto. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do Pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 51.

Essas obras serão usadas em conjunto, buscando identificar o pensamento Batista Nacional sobre o batismo no Espírito Santo, entendendo que Enéas Tognini e José Rego forneceram o referencial teológico para a denominação à medida que os seus escritos foram usados pelo movimento que deu origem à CBN.

3.1.1 Nem todo crente é cheio do Espírito Santo

Em sua obra, Tognini destaca as diversas opiniões sobre o batismo no Espírito Santo; abaixo seguem algumas de suas observações:

Existem os que confundem o batismo no Espírito Santo com a descida do Espírito Santo no Dia de Pentecostes. Esse foi um evento histórico, portanto, já cumprido.

Outro grupo acredita que batismo no Espírito Santo é o momento em que se recebe a Cristo como Salvador; confunde-se aqui batismo no Espírito Santo com regeneração.

Outra concepção é que o batismo no Espírito Santo é a união feita pelo Espírito de Deus, unindo o convertido ao corpo de Cristo, ou seja, à sua igreja. Nessa compreensão, o batismo no Espírito Santo ainda é realidade para os dias de hoje.⁶⁹

Depois de trabalhar algumas correntes e pensamentos a respeito do tema, Tognini passa a expor sua concepção sobre o assunto. Ao analisar alguns textos bíblicos, ele começa trabalhando o Espírito Santo como uma profecia do Antigo Testamento; os profetas Isaías e Joel são referenciados.⁷⁰

“Porque derramarei água sobre o sedento, e correntes sobre a terra seca; derramarei o meu Espírito sobre a tua posteridade, e a minha bênção sobre a tua descendência; e brotarão como a erva, como salgueiros junto às correntes de águas”⁷¹, Isaías 44:3-4.

"E, depois disso, derramarei do meu Espírito sobre todos os povos. Os seus filhos e as suas filhas profetizarão, os velhos terão sonhos, os jovens terão visões.

⁶⁹ TOGNINI, 2000, p. 18.

⁷⁰ TOGNINI, 2000, p. 21.

⁷¹ Todas as citações bíblicas do presente trabalho foram extraídas da Bíblia Sagrada: *nova versão internacional*. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2000.

Até sobre os servos e as servas derramarei do meu Espírito naqueles dias. Mostrarei maravilhas no céu e na terra: sangue, fogo e nuvens de fumaça”, Joel 2:28-30.

Tognini ainda enfatiza que o batismo no Espírito foi reafirmado em João Batista⁷², prometido por Jesus⁷³, esperado pelos discípulos⁷⁴ e cumprido no dia de Pentecostes.⁷⁵ Fica claro que o Pentecostes não se repete, foi um evento histórico, mas os seus efeitos permanecem. A partir daquele dia, todos aqueles que têm o Espírito Santo podem ser cheios do Espírito. Tognini diferencia regeneração de batismo no Espírito Santo. Para ele, regeneração implica que “TODO CRENTE TEM O ESPÍRITO SANTO” e batismo no Espírito Santo implica que o crente passa a estar “CHEIO DO ESPÍRITO SANTO”.⁷⁶

Já ouvi homens de grande saber afirmarem: “Cristo já pagou tudo e nada temos mais a pagar”. Confundem, naturalmente, salvação da alma que é “pela graça mediante a fé”, com Batismo no Espírito Santo que é uma bênção distinta do NOVO NASCIMENTO ou regeneração. A salvação é de graça, realmente. Cristo já pagou tudo em nosso lugar, mas o batismo no Espírito Santo exige um preço, e o preço a pagar é RENÚNCIA.⁷⁷

Tognini usa três expressões para se referir ao mesmo acontecimento: batismo no Espírito Santo, cheio do Espírito Santo⁷⁸ e plenitude do Espírito Santo.⁷⁹ Para o autor, as três palavras são sinônimas e apontam para a mesma realidade. Outra colocação de Tognini elucida o que o autor entendia como batismo no Espírito Santo:

A vida cristã é um todo, como se fosse uma régua de sessenta centímetros. Dividindo essa régua em duas partes iguais, teríamos as duas etapas dessa mesma vida cristã. Na primeira parte leríamos: O CRENTE POSSUI O ESPÍRITO SANTO H.E. Dana. Este é um ponto pacífico em que todos os evangélicos estamos de acordo. Na segunda parte lemos: O ESPÍRITO SANTO POSSUI O CRENTE” H.E. Dana. Aqui está o X do problema. É o ponto controvertido. Mas H.E. Dana prossegue: “São duas etapas da mesma vida cristã: na primeira, o pecador recebe a habitação do Espírito no seu coração e passa, portanto, a POSSUIR o Espírito. Na segunda, porém, é o inverso: é o Espírito que deve possuir o crente”. He dana Na primeira é conversão, na segunda, batismo no Espírito Santo.⁸⁰

⁷² TOGNINI, 2000, p. 21-22.

⁷³ TOGNINI, 2000, p. 22.

⁷⁴ TOGNINI, 2000, p. 27-28.

⁷⁵ TOGNINI, 2000, p. 29.

⁷⁶ TOGNINI, 2000, p. 33.

⁷⁷ TOGNINI, Eneas. *O preço da grande bênção*. São Paulo: [s.n.], [19--]. p. 19.

⁷⁸ TOGNINI, 2000, p. 35.

⁷⁹ TOGNINI, 2000, p. 43.

⁸⁰ DANA, 1956 apud TOGNINI, 2000. p. 35.

3.1.2 Calvário e Pentecostes

Outro posicionamento importante que colabora com a compreensão do batismo no Espírito Santo sob uma perspectiva Batista Nacional é o que José Rego do Nascimento trabalha como Calvário e Pentecostes. Nascimento aponta o Calvário como sendo um “fato histórico e uma bênção consequente”.⁸¹ Tudo o que aconteceu na crucificação de Jesus não se repete mais. Os sofrimentos do Cristo, sua crucificação e morte são eventos históricos, o Calvário não se repete. Porém, o Calvário não é apenas história, ele é uma realidade que legou redenção a todos os que nele creem. “Pois também Cristo sofreu pelos pecados uma vez por todas, o justo pelos injustos, para conduzir-nos a Deus. Ele foi morto no corpo, mas vivificado pelo Espírito”, 1Pe 3:18. No Calvário, todos os homens são chamados à salvação.

Calvário, como evento histórico, não mais se repete. Mas a sua bênção, essa continua ativa, sempre atuante. E vem sendo apropriada pelo pecador, no seu tempo, através dos séculos. No momento em que alguém crê, recebe a redenção do Calvário, como se naquele momento o Senhor tivesse morrido por Ele. Em certo sentido, podemos dizer que Calvário se repete na continuidade da bênção, ainda que o sacrifício foi eleito uma vez e para sempre.⁸²

Nascimento observa que, embora no Calvário todos são chamados à salvação, nem todos estão salvos. O Calvário não é uma bênção imposta, mas deve ser apropriada pela fé.⁸³

Outro evento apontado por Nascimento é Pentecostes, conforme descrito na narrativa de Lucas.

Chegando o Dia de Pentecostes, estavam todos reunidos num só lugar. De repente veio do céu um som, como de um vento muito forte, e encheu toda a casa na qual estavam assentados. E viram o que parecia línguas de fogo, que se separaram e pousaram sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito os capacitava. Atos 2:1-4.

Nascimento entende que, assim como no Calvário, em Pentecostes há o

⁸¹ NASCIMENTO, José Rego do. *Calvário e pentecoste: regeneração e poder*. Brasília: LERBAN, 2007, p. 24.

⁸² NASCIMENTO, 2007, p. 24.

⁸³ NASCIMENTO, 2007, p. 24-25.

envolvimento de um fato histórico e uma bênção consequente.⁸⁴ Os eventos que acompanharam a descida do Espírito Santo: vento impetuoso e línguas como de fogo, cessaram com o próprio evento. Nesse sentido, Pentecostes como evento histórico não mais se repete, mas trouxe uma bênção consequente e permanente:

Santificação e revestimento de poder para o serviço". "Pelo Calvário, todos os homens são chamados para a bênção da salvação, mas unicamente os que dela se apropriam por arrependimento e fé são agraciados". De igual modo Pentecoste. O Espírito Santo veio para conceder a bênção de santificação e poder a todo o salvo, mas não a impõe obrigatoriamente.⁸⁵

A bênção deve ser apropriada pela fé e pela submissão. Nessa perspectiva, Nascimento aproxima-se da mesma ideia defendida por Tognini, a qual uma pessoa pode viver sob a bênção do Calvário (regeneração) e alheia à bênção do Pentecostes (batismo no Espírito Santo). Até aqui, o pensamento Batista Nacional assemelha-se bastante ao dos pentecostais; ambos defendem a necessidade de uma segunda experiência com o Espírito Santo, pós-conversão, chamada de batismo no Espírito Santo.

3.1.3 Evidências do batismo no Espírito Santo

A perspectiva começa a mudar quando se problematiza as evidências do batismo no Espírito Santo. Afinal, quais sinais identificam que uma pessoa teve essa experiência? Na teologia pentecostal, a evidência do batismo no Espírito Santo se dá através da glossolalia.⁸⁶ Entretanto, é evidente que a pergunta por uma teologia pentecostal não é fácil de ser respondida, é preciso analisar as variações existentes dentro do pentecostalismo.⁸⁷ Feita a consideração, deve-se ressaltar que para alguns autores existem questões teológicas que são unânimes no pentecostalismo.

⁸⁴ NASCIMENTO, 2007, p. 25.

⁸⁵ NASCIMENTO, 2007, p. 26.

⁸⁶ Glossolalia: (gr. Glossa + lalia, "língua + falar, conversar"). Falar em línguas. Falar, num estado de êxtase, num padrão de linguagem diferente das línguas conhecidas pelo falante ou diferente dos padrões normalmente inteligíveis. Nos círculos carismáticos modernos, a prática da glossolalia é vista como uma oração ou expressão de louvor dirigida a Deus. SAWYER, M. James. *Uma introdução à teologia: das questões preliminares, da vocação e do labor teológico*. São Paulo: Vida, 2009. p. 618.

⁸⁷ BONINO, José Míguez. *Rostos do protestantismo latino-americano*. 2. ed. rev. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2003. p. 55.

Dentre elas, está a defesa de que o pentecostalismo faz do dom de línguas a evidência do batismo no Espírito Santo. Sobre isso, Bruner afirma:

Se pode ser dito que a doutrina distintiva do movimento pentecostal é o batismo no Espírito Santo, também pode ser dito que aquilo que é mais distintivo nesta doutrina específica é a convicção de que aquilo que é mais distintivo nesta doutrina específica é a convicção de que a evidência inicial deste batismo é o falar em línguas. Embora o pentecostalismo compartilhe com o metodismo clássico, com os movimentos de santidade e com muitos nos evangelicalismo conservador, a convicção de que há uma experiência espiritual adicional, criticamente importante, além da conversão, é no modo de entender a evidência inicial desta experiência subsequente que os pentecostais são únicos, e é esta evidência que marca seus defensores como sendo pentecostais.⁸⁸

Charles Parham, conhecido por ser um dos pioneiros do pentecostalismo, está entre os autores que aprofundaram a discussão em torno da relação entre o batismo no Espírito Santo e o falar em línguas.⁸⁹ Parham, fundador do Lar de Curas Betel e do Colégio Bíblico Betel, perguntou aos seus alunos se bíblicamente existia uma evidência para o batismo no Espírito Santo. Ao pesquisarem, os alunos concluíram que o falar em línguas seria a evidência. Porém, eles ainda não haviam vivenciado a experiência. No final de 1901, uma das alunas de Parham falou em línguas depois de ter recebido oração por imposição de mãos.⁹⁰ Campos JR narra esse momento como sendo o nascimento do pentecostalismo nos Estados Unidos.⁹¹ Outra hipótese, mais aceita, é que o marco histórico do pentecostalismo foi estabelecido em 1906 na comunidade pastoreada por William Seymour, na rua Azusa, em Los Angeles⁹², onde a ocasião também foi marcada por manifestações de glossolalia. O que se percebe é que, desde o início, o pentecostalismo relaciona o falar em línguas com o batismo no Espírito Santo.

No MRE não foi assim. A teologia do batismo no Espírito Santo defendida pelos Batistas Nacionais não sustenta que a glossolalia seja a evidência de que alguém foi batizado no Espírito Santo. Nos relatos de Enéas Tognini e José Rego do Nascimento sobre as experiências pessoais de batismo no Espírito Santo não há menção à manifestação de línguas. As manifestações glossolálicas e carismáticas

⁸⁸ BRUNER, Frederick Dale. *Teologia do Espírito Santo*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1983. p. 57.

⁸⁹ CAMPOS JR., Luís de Castro. *Pentecostalismo: sentidos da palavra divina*. São Paulo: Ática, 1995. (As religiões na história), p. 21.

⁹⁰ CAMPOS JR., 1995, p. 22.

⁹¹ CAMPOS JR., 1995, p. 22.

⁹² PASSOS, 2005, p. 49-50.

aconteciam nos encontros de renovação espiritual, mas não são defendidas como evidência obrigatória para atestar o batismo. Ao discorrer sobre o tema, Nascimento diz:

O Batismo com o Espírito Santo é uma coisa – dons, unção, frutos são conseqüências. Podem ocorrer imediata ou posteriormente. Se há uma evidência comum, esta se manifesta em espírito de santidade e poder na vida e no serviço. “Recebereis poder ao descer sobre vós o Espírito Santo” (At 1.8). Se alguém foi batizado com o Espírito Santo, sente quando o foi, experimenta libertadora purificação, recebe poder, e andando no Espírito vai, finalmente frutificar. É possível até que jamais venha a receber qualquer dom com manifestação exterior, antes aqueles dons de ação interior que o ajudarão no ministério e no evangelismo. O dom de línguas é uma das evidências do batismo com o Espírito Santo, mas não dom obrigatório e sinal inicial exclusivo. “O Dom de falar em línguas pode ou não acompanhar a presença do Espírito, mas o poder sempre o acompanha”.⁹³

Na linguagem do MRE, o batismo no espírito também é sinônimo de revestimento de poder. “Mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra”, Atos 1:8. No texto, poder tem o propósito de equipar-se ao testemunho. Nesse sentido, a evidência para o batismo no Espírito Santo é: poder para testemunhar.⁹⁴

Diante do exposto fica claro que o MRE entendia o batismo no Espírito Santo de maneira distinta do pentecostalismo, naquilo que diz respeito à evidência do batismo. Isso implica que, embora influenciados pela doutrina pentecostal, os Batistas Nacionais não são pentecostais e sim carismáticos⁹⁵, conforme expressão adotada por Paul Freston:

Se somássemos pentecostais e carismáticos e essa distinção é um pouco tênue eu diria que os pentecostais, em sua maioria, tendem a dizer que as “línguas” são a evidência do batismo com o Espírito Santo, enquanto que entre os carismáticos poucos diriam isso. Outra diferença é sociológica: os carismáticos tendem a ser mais de classe média ou de dentro das denominações históricas ou então provêm de divisões das denominações históricas como por exemplo, aqui no Brasil, a Convenção Batista Nacional, que é carismática e saiu da Convenção Batista Brasileira.⁹⁶

⁹³ LAWRENCE, 1949 apud NASCIMENTO, 2007, p. 88.

⁹⁴ TOGNINI, 2000, p. 34

⁹⁵ Carismático: Termo referente a quaisquer grupos ou pessoas que remontam sua origem histórica ao movimento de renovação carismática dos anos 1960-1970; procuram praticar todos os dons espirituais mencionados no NT e admitem pontos de vista diferentes sobre se o batismo no Espírito Santo é subsequente à conversão e se línguas são um sinal do batismo no Espírito Santo. GRUDEM, 2001, p. 527.

⁹⁶ FRESTON, Paul. *Pentecostalismo*: Seminário UNIPOP. Belém: UNIPOP, 1996. p. 6.

O carismatismo⁹⁷ envolveu as igrejas históricas brasileiras antes mesmo de ter ocorrido no meio da Igreja Católica. As décadas de 60 e 70 foram palco de divisões “nas principais denominações históricas”.⁹⁸

Outra nomenclatura que designa os batistas nacionais é batistas renovados. Não porque trouxeram algo de fato novo, mas é uma designação que tem respaldo histórico, pois foi o nome do movimento que deu origem à denominação. Até os dias de hoje batistas brasileiros e batistas nacionais são também conhecidos como batistas tradicionais e batistas renovados, respectivamente, em consequência dos acontecimentos e seus desdobramentos ocorridos em meados das décadas de 50 e 60.

3.1.4 Comunidade Carismática

Ao assumir a doutrina do batismo no Espírito Santo, os batistas nacionais sinalizam a abertura para as experiências do Espírito na comunidade. Eles entendem que os carismas (dons espirituais) não se limitaram aos primeiros dias da igreja nascente em Pentecostes. Acreditam que Espírito continua soprando, trazendo vida e edificando a comunidade através dos dons.⁹⁹ As comunidades batistas nacionais são, portanto, comunidades carismáticas.

Para os batistas nacionais, os carismas devem ser buscados sempre visando ao bem comum, sempre com altruísmo. Nesse sentido, os dons de edificação da Igreja devem ser priorizados em detrimento dos dons de edificação pessoal.¹⁰⁰ O dom de línguas, que pode ser compreendido como uma vitrine do pentecostalismo e também dos carismáticos, é um dom de edificação pessoal e deve ficar em segundo plano. Ao comentar sobre o dom de línguas, o teólogo alemão, Jürgen Moltmann diz:

⁹⁷ Carismatismo: Expressão usada ao se estudar o movimento de renovação espiritual na IECLB. BOBSIN, Oneide; ZWETSCH, Roberto E.; TRENTINI, Ademir; CONFERÊNCIA LUTERANA DO ESPÍRITO SANTO 2. 2001. Joinville, SC. *Movimento de renovação espiritual: o carismatismo na IECLB*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2002.

⁹⁸ GUTIÉRREZ, Benjamim F.; CAMPOS, Leonildo Silveira. *Na força do espírito: um desafio às igrejas históricas*. São Paulo: Associação Evangélica Literária Pendão Real, São Bernardo do Campo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1996. p. 267.

⁹⁹ *MANUAL Básico Batista Nacional e Manual da Ormiban*. Brasília: CBN, [s.d.]. p. 45.

¹⁰⁰ *MANUAL Básico Batista Nacional e Manual da Ormiban*, [s.d.]. p. 45.

Como não tenho nenhuma experiência pessoal com este fenômeno, não estou em condições nem de explicá-lo nem de contestá-lo. Posso apenas descrevê-lo por fora, pelo efeito que exerce sobre os atingidos. Considero-o uma tão forte comoção interior pelo Espírito que sua forma de expressão ultrapassa a esfera da linguagem inteligível e externa-se pela glossolalia, da mesma forma como uma dor intensa se expressa por um choro desinibido, ou uma intensa alegria se manifesta pelo pular e o dançar. ... Entendo o “falar em línguas” como o processo pelo qual a língua das pessoas mudas começa a desprender-se e elas começam a expressar o que sentem e experimentam. Talvez se possa ver uma analogia na “terapia do grito”, embora o falar em línguas ultrapasse as possibilidades meramente humanas. Em todo o caso é uma nova expressão para a experiência da fé, e é uma expressão pessoal.¹⁰¹

O dom de línguas é um dom para a edificação pessoal, ou seja, só quem fala em línguas é edificado. “Paulo também aconselha a ‘aspirar’ aos carismas (1 Cor 14,1), mas sobretudo ao ‘dom da profecia’”.¹⁰²

Os dons espirituais não servem de critério para avaliar a espiritualidade de ninguém, antes, sim, a espiritualidade e a maturidade cristã se manifestam no fruto do Espírito e podem ser constatadas à medida que as qualidades de Cristo vão sendo vistas na vida do fiel.¹⁰³

3.1.5 As experiências do Espírito

Na história Batista Nacional, desde o movimento de renovação até a institucionalização com a criação da CBN, a palavra experiência ocupa um lugar de destaque. As experiências de batismo no Espírito Santo, experiências com o Espírito Santo e demais experiências carismáticas, relatadas durante o movimento foram motivos de controvérsias, divergências e rompimento entre os batistas brasileiros, originando uma nova denominação. Abordar a experiência sob a ótica teológica não é tarefa fácil, é sempre pisar em um terreno instável. O conceito de experiência é um dos menos esclarecidos tanto na filosofia quanto na teologia.¹⁰⁴

¹⁰¹ MOLTMANN, Jürgen. *O espírito da vida: uma pneumatologia integral*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 178.

¹⁰² MOLTMANN, 2010, p. 178-179.

¹⁰³ *MANUAL Básico Batista Nacional e Manual da Ormiban*, [s.d.], p. 45.

¹⁰⁴ MOLTMANN, 2010, p. 30.

De acordo com a abordagem das “modernas ciências experimentais”, Deus está para além do experimento e da experiência, Deus não é reconhecível e experienciável, se assim o for, deixa de ser Deus. Os limites da razão fazem com que seja impossível a revelação e o aparecimento de Deus no mundo da experiência.¹⁰⁵ Diante do exposto, como é possível entender a experiência ou experiências do Espírito que foram enfatizadas no movimento de renovação e nas comunidades carismáticas?

Em seu livro *O Espírito da Vida*, o teólogo alemão Jürgen Moltmann oferece uma fundamentação teológica para a experiência do Espírito a partir da perspectiva da transcendência imanente, a possibilidade de ver Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus. Talvez, a grande dificuldade que a reflexão teológica e as denominações históricas tiveram com os movimentos carismáticos diz respeito ao valor que se dá às experiências pessoais. Nesse aspecto, Moltmann propõe que ao abordar as experiências do Espírito a teologia não considere apenas a dimensão da autoexperiência, mas que se perceba transcendência em toda experiência.¹⁰⁶

Toda experiência que vem ao nosso encontro, ou que nós fazemos, pode ter um dentro transcendente. A experiência do Espírito de Deus não está limitada à autoexperiência do sujeito humano mas é um elemento constitutivo também na experiência do Tu, na experiência da comunhão e na experiência da natureza. “O espírito do Senhor enche a terra. Ele, que a tudo dá consistência, tem conhecimento de tudo que se diz” (Sb 1,7). Por isso a experiência de Deus é possível em, com e ao lado de toda experiência diária do mundo, na medida em que Deus está em todas as coisas e todas as coisas estão em Deus, e portanto o próprio Deus, à sua maneira, “experimenta” todas as coisas. Se as experiências de Deus contêm experiências de vida, como o mostra toda interpretação existencial, também podemos, considerando do lado oposto, dizer que as experiências de vida contêm experiências de Deus. A experiência de Deus na autoexperiência do homem tem sua peculiaridade intransferível e indestrutível. Se a experiência de Deus for referida a toda experiência do mundo e a toda experiência da vida, então todas as experiências possíveis não precisam de forma alguma ser unificadas nem se tornar panteisticamente indiferentes, pois esta experiência de Deus, segundo a compreensão cristã, é a experiência da presença do Deus Criador na variedade multicolorida de sua Criação.¹⁰⁷

As experiências emocionais narradas pelos participantes do MRE e atribuídas à ação do Espírito não encontraram acolhida no meio dos batistas

¹⁰⁵ MOLTSMANN, 2010, p. 42.

¹⁰⁶ MOLTSMANN, 2010, p. 44.

¹⁰⁷ MOLTSMANN, 2010, p. 44.

brasileiros. O que para uns era “possuídos de grande emoção”¹⁰⁸, “muitos sentiam-se cheios de poder do Espírito”¹⁰⁹, “um gozo profundo no meu coração”¹¹⁰, “se viu invadido por um fogo”¹¹¹, para outros significava “notam os mesmos vícios próprios de reuniões dos pentecostais”, os “descontroles físicos” e “outros excessos de emocionalismo”¹¹²,

Para Moltmann, é “possível falarmos de experiências especiais de Deus”, acontecimentos que são temporários e elevados, muitas vezes chamados de “santos”.¹¹³ O Espírito manifesta-se de maneira multifacetada, podendo ser percebido na natureza, na comunidade e também na autoexperiência.

3.2 Aspectos Eclesiológicos

Sob a designação de renovados, os batistas nacionais apontam para algumas realidades, uma delas é que não abrem mão da identidade batista, são carismáticos na pneumatologia e batistas na eclesiologia.¹¹⁴ Principalmente, no que diz respeito à forma de governo da igreja adotada pela denominação, a saber o congregacionalismo. Definir o modelo não é fácil, tendo em vista que existem algumas variações de governo congregacional¹¹⁵, mas existem nelas algumas características comuns.

No modelo congregacional, valoriza-se o cristão como indivíduo e a comunidade local é o cerne da autoridade. As igrejas têm autonomia, ou seja, governam a si mesmas e são independentes, não existem ingerências externas na igreja local. A concepção de democracia também é bastante ressaltada. A autoridade é comum aos indivíduos que são membros da comunidade local. Todos têm voz nos

¹⁰⁸ TOGNINI; ALMEIDA, 2007, p. 56.

¹⁰⁹ TOGNINI; ALMEIDA, 2007, p. 56.

¹¹⁰ TOGNINI, 2000, p. 60.

¹¹¹ XAVIER, 1997, p. 54.

¹¹² DOCTRINA, 1963, p. 13.

¹¹³ MOLTSMANN, 2010, p. 45.

¹¹⁴ Eclesiologia: Área do estudo teológico interessada em entender a igreja (derivado do termo grego *ekklésia*, “igreja”). Eclesiologia busca descobrir a natureza e a função da igreja. Também investiga questões como sua missão, ministério e estrutura, bem como seu papel no plano geral de Deus. GRENZ; GURETZKI; NORDLING, 2000, p. 44.

¹¹⁵ GRUDEM, Wayne A. *Teologia sistemática*: atual e exhaustiva. Reimpressão (2006) São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 778.

assuntos tratados na congregação.

Sob o conceito do sacerdócio universal dos crentes, o congregacionalismo defende que não existem indivíduos especiais para tomar decisões em âmbito eclesiástico, mas todos podem contribuir para o bem comum.¹¹⁶ Os batistas nacionais definem assim a forma de governo congregacional adotada pela denominação:

Modelo Congregacional: toda e qualquer decisão é tomada em assembleia deliberativa. Neste caso, recomenda-se que as reuniões de negócios ocorram conforme previsto no estatuto e regimento interno da igreja, com prestação de contas.

Modelo Congregacional de administração representativa: a igreja, em assembleia, homologa seu planejamento e elege um conselho administrativo, com poderes para, juntamente com o pastor, gerir os recursos humanos e financeiros, com prestação de contas.¹¹⁷

Em relação ao batismo nas águas, os batistas nacionais seguem os demais batistas. O batismo é realizado por imersão e é a porta de entrada para pertencer à membresia da comunidade local. Com relação à idade para se batizar, os batistas nacionais declaram: Quanto à idade do candidato - desde que possa expressar, livre e conscientemente a sua fé em Cristo Jesus como seu Salvador pessoal.¹¹⁸

Os elementos básicos da fé Batista Nacional estão pautados nos princípios batistas, que refletem de maneira geral o pensamento batista no mundo. Essa forma de pensar está revelada nos princípios batistas¹¹⁹, os mesmos adotados pela CBB e outros grupos batistas.¹²⁰

O texto adotado na declaração de fé Batista Nacional é retirado da Confissão de Fé dos Batistas do Sul dos Estados Unidos.¹²¹

Além de se identificarem com os princípios batistas, os batistas nacionais são filiados à Aliança Batista Mundial, uma importante organização de fraternidade que congrega batistas de todo o mundo. O que se percebe é que nas questões

¹¹⁶ ERICKSON, Millard J. *Introdução à teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

¹¹⁷ *MANUAL Básico Batista Nacional e Manual da Ormiban*, [s.d.]. p. 30.

¹¹⁸ *MANUAL Básico Batista Nacional e Manual da Ormiban*, [s.d.]. p. 41.

¹¹⁹ *MANUAL Básico Batista Nacional e Manual da Ormiban*, [s.d.]. p. 9-20.

¹²⁰ Informações de acordo com o site da CONVENÇÃO Batista Brasileira. Disponível em: <http://www.batistas.com/index.php?option=com_content&view=article&id=16&Itemid=16> acesso em: 19.nov.2015.

¹²¹ *MANUAL Básico Batista Nacional e Manual da Ormiban*, [s.d.]. p. 27.

organizacionais e administrativas os batistas nacionais seguem a forma batista de ser igreja e de se organizar.

CONCLUSÃO

Este trabalho analisou a história do Movimento de Renovação Espiritual e a denominação Batista Nacional, partindo de hipóteses que foram levantadas a partir do contato com as referências bibliográficas, vindo a confirmar as hipóteses apontadas.

Olhar para a história permitiu compreender a diversidade de uma denominação multifacetada. Os batistas ingleses forneceram um modelo captado por batistas de todo o mundo. Desde o início, não era possível conceituar um grupo como batista apenas pelas convicções doutrinárias. Batistas gerais e batistas particulares entendiam de maneira diferente aspectos doutrinários relacionados à teologia da salvação: arminianos de um lado, calvinistas de outro, ambos batistas, ambos pertencentes à denominação histórica.

O que se pode constatar é que existem outras características que identificam um grupo como batista. Quanto à forma de governo eclesiástico, os batistas são congregacionalistas. Defendem o batismo por imersão sob profissão de fé como forma de entrada na igreja e acreditam nos princípios batistas. Entre eles, o princípio da liberdade religiosa e de consciência. Batistas nacionais não deixam de ser batistas por divergirem dos batistas brasileiros; ambas as denominações se abrigam pelos mesmos princípios, forma de governo e prática eclesiástica.

Quanto à história do movimento de renovação, percebeu-se que o MRE foi um movimento que surgiu com a intenção de renovar as igrejas históricas brasileiras. Ao analisar o MRE, compreende-se que o movimento não vislumbrava criar uma nova denominação; a ideia era renovar a maneira com que os batistas brasileiros e demais denominações históricas enxergavam a doutrina do Espírito Santo. O Movimento de Renovação Espiritual classificava o batismo no Espírito Santo como sendo uma segunda bênção, e a apropriação deste traria a tão desejada renovação.

Ao analisar a pneumatologia, desenvolvida no contexto da renovação espiritual, foi possível observar que apesar da influência do pentecostalismo, os batistas nacionais pensam de maneira diferente dos pentecostais acerca do batismo no Espírito Santo. Essa diferença fica evidente quando são tratadas as evidências do batismo no Espírito Santo. Historicamente, o pentecostalismo é defensor de que

a evidência inicial do batismo no Espírito Santo é a glossolalia. Nesse aspecto existe uma divergência teológica entre a pneumatologia pentecostal e a Batista Nacional.

Quando se afirma que os batistas nacionais foram influenciados pelos pentecostais é no sentido de reconhecer que, historicamente, a doutrina do batismo no Espírito Santo é atribuída ao pentecostalismo. Mas não se observou na literatura estudada nenhuma ligação direta entre o movimento de renovação e alguma denominação pentecostal.

Os batistas nacionais não são pentecostais; eles fazem parte de um grupo que é melhor caracterizado sob a designação de carismáticos. Além de acreditarem no batismo no Espírito Santo como uma segunda experiência pós-conversão, também acreditam na contemporaneidade dos carismas neotestamentários. Os carismáticos geralmente pertencem a alguma denominação histórica ou são frutos de divisões nessas denominações. É o caso dos batistas nacionais.

Este trabalho, ao analisar os aspectos históricos e teológicos do Movimento de Renovação Espiritual e dos batistas nacionais, aponta para uma compreensão acerca da denominação Batista Nacional dentro do contexto do protestantismo brasileiro. Retomando o pensamento de Longuini Neto, citado no início do trabalho, se é preciso conceituar para compreender, os batistas nacionais fazem parte de uma denominação histórica, são batistas não apenas no nome, mas também na pragmática, nos princípios, no governo. Quanto à pneumatologia, são carismáticos, podendo ser chamados de batistas renovados, uma alusão ao movimento que deu origem à denominação Batista Nacional.

O presente trabalho acompanhou a trajetória carismática do movimento de renovação até a institucionalização da Convenção Batista Nacional (CBN). Passados quase 50 anos, quais os frutos colhidos pela denominação? Do fervilhar de manifestações carismáticas da década de 60 quais os carismas permaneceram? Talvez essas perguntas possam fomentar uma nova pesquisa, novos estudos, novas interpretações.

Se, segundo os batistas nacionais, o batismo no Espírito Santo é poder para testemunhar, em que esferas esse testemunho tem sido feito? Ao enfatizar o movimento carismático, Moltmann confronta e desafia ao engajamento:

Contudo, uma pergunta crítica dirige-se à negligência diante de certos

carismas no atual “movimento carismático”: onde estão os carismáticos no cotidiano do mundo, na política, no movimento pacifista e no movimento ecológico... [...] Considerando que as forças do divino Espírito não são concedidas para fugir dos conflitos desse mundo real para um mundo religioso ilusório, mas sim para testemunhar no meio dos conflitos o senhorio libertador de Cristo, então o “movimento carismático” não deve tornar-se uma religião privada, alheia à política. O critério da vida no Espírito Santo é e continua a ser o seguimento de Jesus.¹²²

Jesus continua sendo o modelo, assim como o Pai me enviou eu vos envio! Participar da missão de Deus encarnada em Jesus é viver uma pneumatologia engajada. Entender que o Espírito do Senhor está sobre mim é vivenciar uma realidade onde oração e ação profética¹²³ caminham juntas. Esse é o grande desafio dos batistas nacionais, das comunidades carismáticas, de todos os que se deixam ser conduzidos pelo Espírito da vida!

¹²² MOLTMANN, Jürgen. *A fonte da vida O Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 69.

¹²³ ANJOS, Márcio Fabri dos. (org.). *Sob o fogo do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 110

REFERÊNCIAS

ALONSO, Leandro Seawright; WIRTH, Lauri Emilio. UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião. *Poder e experiência religiosa: uma história de um cisma pentecostal na Convenção Batista Brasileira na década de 1960*. São Bernardo do Campo, 2008. 207 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, 2008.

ANJOS, Márcio Fabri dos. (org.). *Sob o fogo do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 1998.

ANTONIAZZI, Alberto. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do Pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

ARAÚJO, Israel Alves. *Dicionário do movimento pentecostal / Israel de Araujo*. Rio de Janeiro, RJ. CPAD, 2007.

AZEVEDO, Israel Belo de. *A celebração do indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro*. Piracicaba: Unimep, 1996.

BÍBLIA Sagrada: *nova versão internacional*. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2000.

BONINO, José Míguez. *Rostos do protestantismo latino-americano*. 2. ed. rev. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2003.

BRUNER, Frederick Dale. *Teologia do Espírito Santo*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1983.

CAMPOS JR., Luís de Castro. *Pentecostalismo: sentidos da palavra divina*. São Paulo: Ática, 1995. (As religiões na história).

CONVENÇÃO Batista Brasileira. Disponível em: <<http://www.batistas.com>> Acesso

em: 12 nov. 2015.

DIAS, Zwinglio Mota; PORTELLA, Rodrigo; RODRIGUES, Elisa. *Protestantes, evangélicos e (neo)pentecostais: história, teologias, igrejas e perspectivas*. São Paulo, SP: Fonte Editorial, 2013.

DOCTRINA do Espírito Santo: parecer da Comissão dos Treze. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1963.

DUBOIS, Stela C. *Rosalee Mills Appleby*. São Paulo: Louvores do Coração, 1991.

FERNANDES, Wilson. *Jesus Cristo é o Senhor: há contribuições da Igreja Universal do Reino de Deus à Igreja Batista?* Dissertação (Mestrado em Teologia) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2010.

FRESTON, Paul. *Pentecostalismo: Seminário UNIPPOP*. Belém: UNIPPOP, 1996.

GONZÁLEZ, Justo L. *Breve Dicionário de Teologia*. São Paulo: Hagnos, 2009.

GONZÁLEZ, Justo L.; ORLANDI, Carlos Cardoza. *História do Movimento Missionário*. São Paulo: Hagnos, 2010.

GRENZ, Stanley J.; GURETZKI, David; NORDLING, CherithFee. *Dicionário de teologia: mais de 300 conceitos teológicos definidos de forma clara e concisa*. Edição de bolso. São Paulo: Vida, 2000.

GRUDEM, Wayne A. *Manual de teologia sistemática: uma introdução aos princípios da fé cristã*. São Paulo: Vida, 2001.

_____. *Teologia sistemática: atual e exhaustiva*. Reimpressão (2006) São Paulo: Vida Nova, 1999.

GUTIÉRREZ, Benjamim F.; CAMPOS, Leonildo Silveira. *Na força do espírito: um*

desafio às igrejas históricas. São Paulo: Associação Evangélica Literária Pendão Real, São Bernardo do Campo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1996.

HEWITT, Martin D. *Raízes da tradição Batista*. São Leopoldo: IEPG, 1993. (Ensaio e monografias 4)

MANUAL *Básico Batista Nacional e Manual da Ormiban*. Brasília: CBN, [s.d.].

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo, SP: Paulinas, 1984.

_____. *Protestantes, pentecostais e ecumênicos: o campo religioso e seus personagens*. São Bernardo do Campo: UMESP, 1997.

MOLTMANN, Jürgen. *A fonte da vida O Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____. *O espírito da vida: uma pneumatologia integral*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. *Liberdade e exclusivismo: ensaios sobre os batistas ingleses*. Rio de Janeiro: Horizontal; Recife: STBNB Edições, 1997.

PEREIRA, Reinaldo Arruda. *Igreja Batista da Lagoinha: trajetória e identidade de uma corporação religiosa em processo de pentecostalização*. São Bernardo do Campo, SP: [s.n.], 2011. 361 f. Tese (Doutorado) - Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Direito e Humanidades, São Bernardo do Campo, 2011.

PEREIRA, J. Reis. *Breve história dos batistas*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1972.

NASCIMENTO, José Rego do. *Calvário e pentecoste: regeneração e poder*. Brasília: LERBAN, 2007.

RUMBLE, L. *Os Batistas*. Petrópolis: Vozes, 1960. (Vozes em defesa da fé caderno 17)

SAWYER, M. James. *Uma introdução à teologia: das questões preliminares, da vocação e do labor teológico*. São Paulo: Vida, 2009.

SILVA, Elizete da; SANTOS, Lyndon Araújo dos; ALMEIDA, Vasni de. (orgs). *"Fiel é a palavra": leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil*. Feira de Santana: UEFS, 2011.

SILVA, Jesus Aparecido dos Santos. *Renovação Espiritual entre os Batistas no Brasil: uma abordagem sociológica*. Brasília: LERBAN, 2015.

TOGNINI, Enéas; ALMEIDA, Silas Leite de. *História dos Batistas Nacionais*. Brasília: LERBAN, 2007.

TOGNINI, Enéas. *O preço da grande bênção*. São Paulo: [s.n.], [19--].

_____ *Batismo no Espírito Santo*. São Paulo: Bompastor, 2000.

XAVIER, João Leão dos Santos. *Colunas da Renovação*. Belo Horizonte: LERBAN, 1997.

YAMABUCHI, Alberto Kenji. *O debate sobre a história das origens do trabalho batista no Brasil: uma análise das relações e dos conflitos de gênero e poder na Convenção Batista Brasileira dos anos 1960-1980*. São Bernardo do Campo, SP, 2009. Tese de Doutorado. Universidade Metodista de São Paulo.